

BLUE MOON SALON



PERFECTION

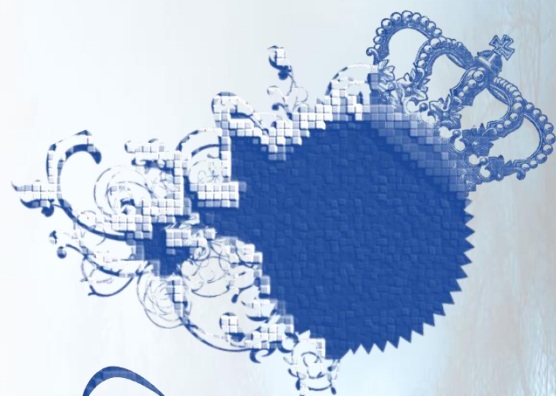


ANNA LOWE





Em Parceria com ...





Staff

Disponibilização Flor de Lótus e Andreia Mendes Magalhães

Tradução Andreia Mendes Magalhães

Revisão Inicial Naya Spinosa

Revisão Final Flor de Lótus

Formatação Andreia Mendes Magalhães



Perfection

BLUE MOON SALOON

Anna Lowe

Um urso sexy, uma loba teimosa e uma caverna muito acolhedora.

É uma noite tempestuosa de inverno nas montanhas, e a loba Jessica Macks está desesperada para encontrar abrigo. Tão desesperada, ela vai até se contentar com uma caverna de urso desocupada, apesar de todos os avisos que ouviu sobre os misteriosos vizinhos de seu bando. Não demora muito para que uma companhia indesejada na forma de um shifter de urso, Simon Voss, entre. Os dois podem soltar suas garras e lutar, ou podem baixar suas defesas e manter-se aquecidos. Mas o instinto de sobrevivência não é a única força em ação nesse abrigo acolhedor, o destino também é. Antes que Jéssica e Simon saibam, eles estão abraçados em forma humana e deixando o calor de inflamar enquanto eles cedem à tentação pela primeira vez.

Capítulo Um

Jessica lambeu outro floco de neve grosso do nariz e olhou para a nevasca. Mesmo em sua forma de lobo e com a proteção do seu espesso pelo, ela estremeceu enquanto cheirava o ar. Ela não poderia reconhecer uma única referência nesta tempestade?

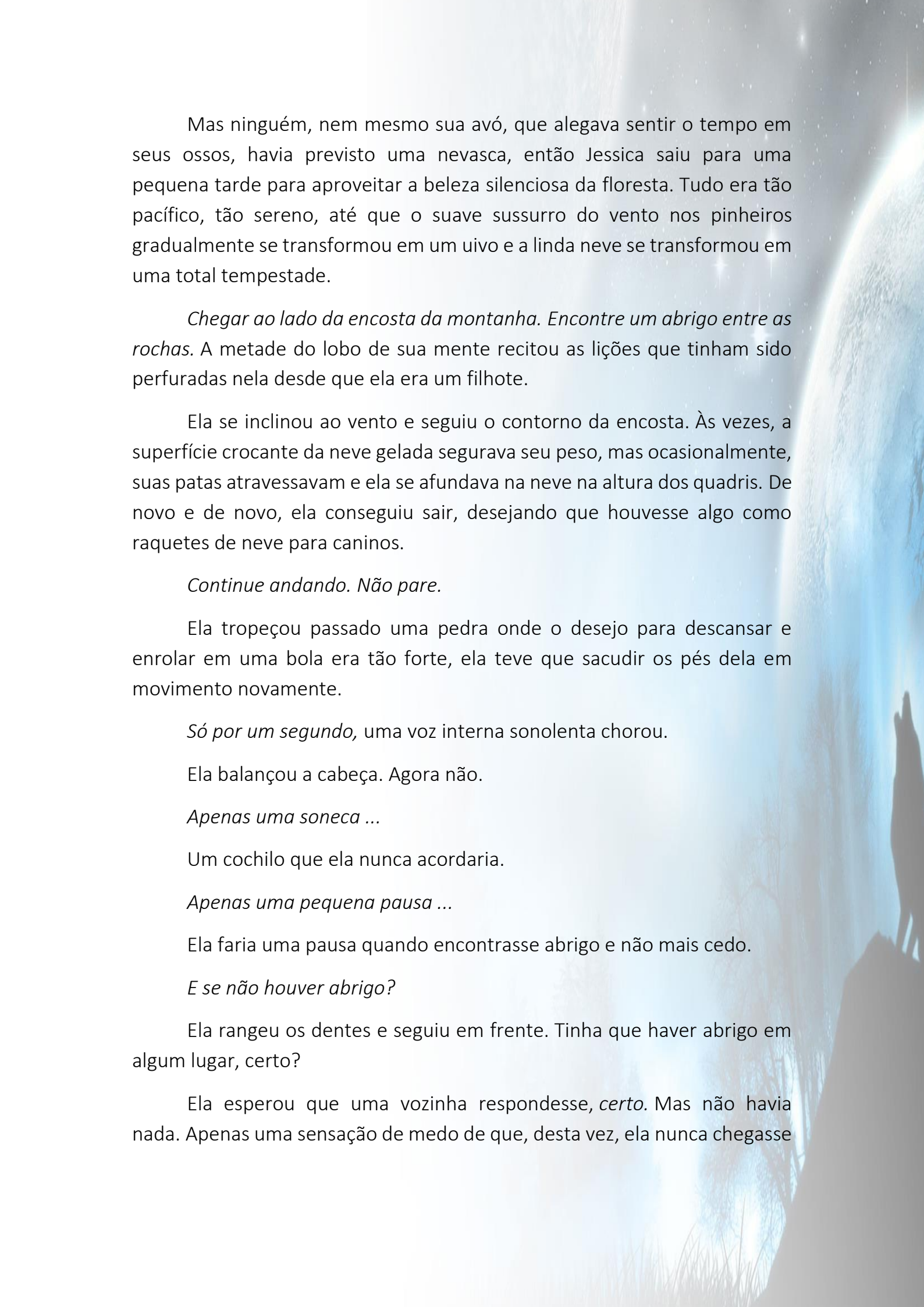
Nenhuma. Foda-se.

O que começou como uma linda nevasca se transformou em uma nevasca completa, mesmo que os mais velhos dessa parte de Montana falassem por anos. Ela perdeu o rumo horas atrás. A neve encheu seus rastros em segundos e o branco apagou qualquer referência visual na floresta densa. Mesmo o seu nariz canino aguçado não conseguia encontrar nada familiar através de neve fresca que cheira mais a céu do que qualquer coisa na terra. Ela bateu no chão e abrigou em uma árvore caída e a cheirou. Era um pinheiro em decomposição, o da Cooper's Hill ou o da cordilheira do Eagle Point? Um totalmente diferente, talvez?

Merda. Ela realmente estava perdida. Ela tinha que encontrar abrigo e logo. Em algum lugar por trás das nuvens grossas da tempestade de neve, o sol estava se pondo e a temperatura já congelando cairia ainda mais no momento em que o fizesse.

Ela ficou perfeitamente imóvel, tentando decidir o que fazer enquanto aquecia suas patas contra a pele de sua barriga. Primeiro, a pata direita, depois a esquerda, mudando de peso a cada vez. Em poucos segundos o frio intenso cortou os sentidos dos seus dedos dos pés. Suas orelhas estavam tão rígidas que mal se moviam e todo o seu focinho doía por causa do ar gelado do vento.

Deus, ela realmente precisava encontrar abrigo. O que diabos ela estava pensando, se afastando tão longe de casa no meio de uma nevasca?



Mas ninguém, nem mesmo sua avó, que alegava sentir o tempo em seus ossos, havia previsto uma nevasca, então Jessica saiu para uma pequena tarde para aproveitar a beleza silenciosa da floresta. Tudo era tão pacífico, tão sereno, até que o suave sussurro do vento nos pinheiros gradualmente se transformou em um uivo e a linda neve se transformou em uma total tempestade.

Chegar ao lado da encosta da montanha. Encontre um abrigo entre as rochas. A metade do lobo de sua mente recitou as lições que tinham sido perfuradas nela desde que ela era um filhote.

Ela se inclinou ao vento e seguiu o contorno da encosta. Às vezes, a superfície crocante da neve gelada segurava seu peso, mas ocasionalmente, suas patas atravessavam e ela se afundava na neve na altura dos quadris. De novo e de novo, ela conseguiu sair, desejando que houvesse algo como raquetes de neve para caninos.

Continue andando. Não pare.

Ela tropeçou passado uma pedra onde o desejo para descansar e enrolar em uma bola era tão forte, ela teve que sacudir os pés dela em movimento novamente.

Só por um segundo, uma voz interna sonolenta chorou.

Ela balançou a cabeça. Agora não.

Apenas uma soneca ...

Um cochilo que ela nunca acordaria.

Apenas uma pequena pausa ...

Ela faria uma pausa quando encontrasse abrigo e não mais cedo.

E se não houver abrigo?

Ela rangeu os dentes e seguiu em frente. Tinha que haver abrigo em algum lugar, certo?

Ela esperou que uma vizinha respondesse, *certo*. Mas não havia nada. Apenas uma sensação de medo de que, desta vez, ela nunca chegasse

em casa. Não esta noite, não amanhã, nem mesmo em alguns dias, quando a tempestade acabasse. Nunca.

Jessica achatou as orelhas contra o crânio e acelerou o passo. Ela deu um golpe zangado com sua calda com raiva e resmungou noite adentro. Essa tempestade não poderia impedi-la. Ela estava em forma e forte. Ela poderia suportar um pouco de frio e certamente ela poderia lutar o seu caminho a fora. Ela era uma shifter afinal e a filha do alfa governante do bando de Black River. Ela não iria, não poderia falhar.

Mas inferno, ela nunca chegou tão perto antes.

Ela sacudiu a sua calda e deixou o movimento percorrer todo o caminho através da sua espinha, enviando neve que sair voando da sua pele. O tremor foi tão veemente que suas orelhas bateram no lado do seu rosto. O que ajudou, de certa forma, a forçar-se no estado de espírito intransigente necessário para continuar.

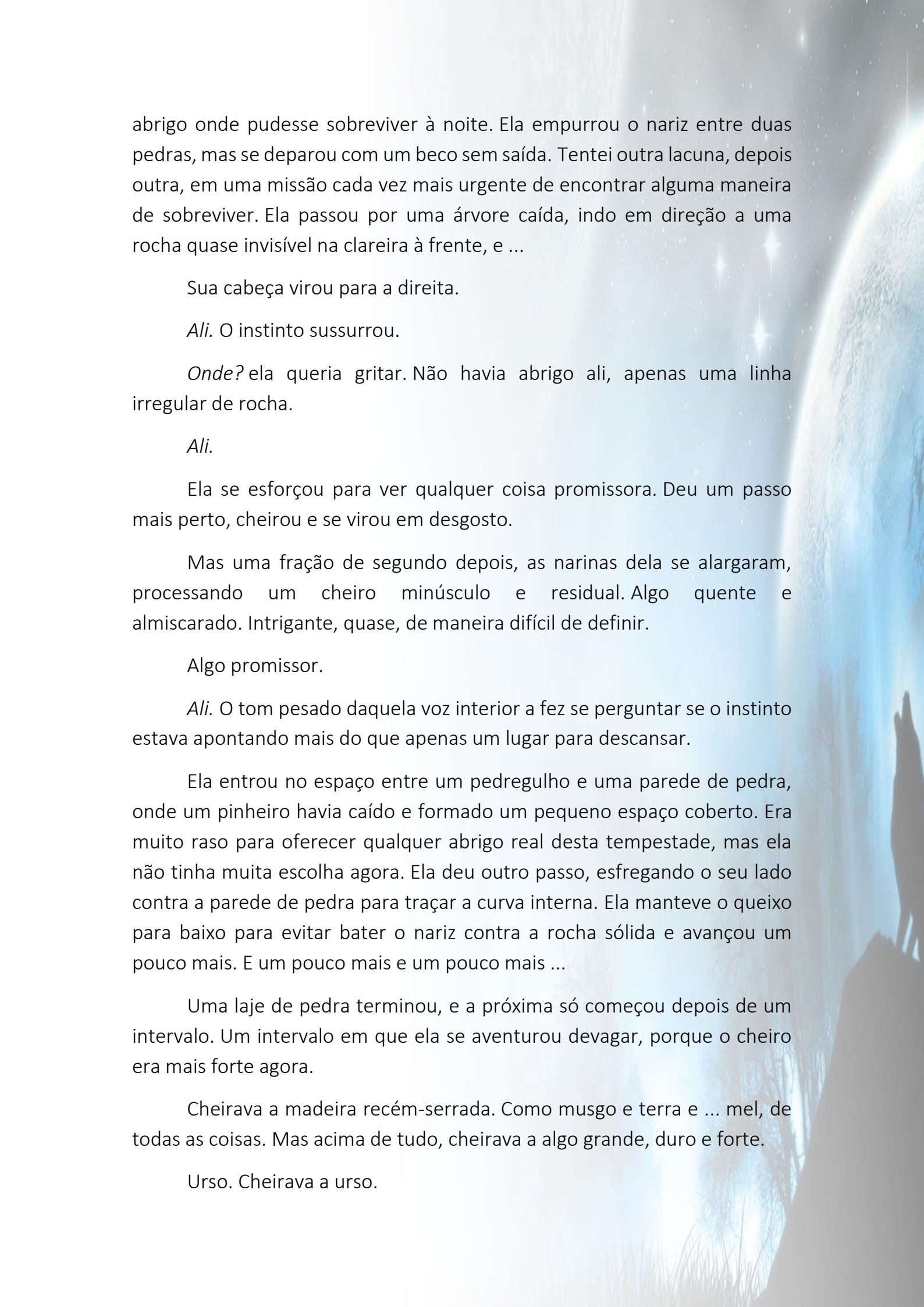
Apenas outra caminhada na floresta, ela mentiu para si mesma. Apenas mais uma longa caminhada para casa.

O vento uivava entre as árvores. Galhos se inclinavam, despejando pesadas cargas de neve que ela se esforçava para evitar. Ela empurrou o nariz para frente e marchou, fazendo seu caminho mais pela sensação do que pela visão.

Uma árvore rangeu. A neve se acumulou em árvores e rochas. O vento gritou em alta, depois baixou uma oitava de novo.

Depois de outro minuto de progresso lento, ela animou uma orelha. O vento havia diminuído um pouco. Ela estava na base da montanha, finalmente? A neve não era tão profunda e o vento frio menos cruel. Mas estava ficando mais escuro a cada segundo, e não havia sinal de vida em lugar algum. Nenhum pio de uma coruja, nenhum trotar dos cascos de cervos. Apenas a respiração ofegante de seu próprio fôlego e o padrão redemoinho de condensação que se seguiu a cada expiração.

O piso ficou complicado em terrenos rochosos, onde a neve escondia fendas profundas o suficiente para engoli-la. Ela deslizou por cima de uma, depois outra, procurando um esconderijo, um local qualquer sugestão de



abrigo onde pudesse sobreviver à noite. Ela empurrou o nariz entre duas pedras, mas se deparou com um beco sem saída. Tentei outra lacuna, depois outra, em uma missão cada vez mais urgente de encontrar alguma maneira de sobreviver. Ela passou por uma árvore caída, indo em direção a uma rocha quase invisível na clareira à frente, e ...

Sua cabeça virou para a direita.

Ali. O instinto sussurrou.

Onde? ela queria gritar. Não havia abrigo ali, apenas uma linha irregular de rocha.

Ali.

Ela se esforçou para ver qualquer coisa promissora. Deu um passo mais perto, cheirou e se virou em desgosto.

Mas uma fração de segundo depois, as narinas dela se alargaram, processando um cheiro minúsculo e residual. Algo quente e almiscarado. Intrigante, quase, de maneira difícil de definir.

Algo promissor.

Ali. O tom pesado daquela voz interior a fez se perguntar se o instinto estava apontando mais do que apenas um lugar para descansar.

Ela entrou no espaço entre um pedregulho e uma parede de pedra, onde um pinheiro havia caído e formado um pequeno espaço coberto. Era muito raso para oferecer qualquer abrigo real desta tempestade, mas ela não tinha muita escolha agora. Ela deu outro passo, esfregando o seu lado contra a parede de pedra para traçar a curva interna. Ela manteve o queixo para baixo para evitar bater o nariz contra a rocha sólida e avançou um pouco mais. E um pouco mais e um pouco mais ...

Uma laje de pedra terminou, e a próxima só começou depois de um intervalo. Um intervalo em que ela se aventurou devagar, porque o cheiro era mais forte agora.

Cheirava a madeira recém-serrada. Como musgo e terra e ... mel, de todas as coisas. Mas acima de tudo, cheirava a algo grande, duro e forte.

Urso. Cheirava a urso.

Ela parou em sua trilha. Não era como se ela fosse uma estranha para os ursos. Os bosques estavam cheios de ursos pardos. As montanhas ficavam lotadas com eles no início do outono, quando os gigantes se alimentavam de frutas que explodiam em todas as encostas do sul. Os ursos estavam bem à distância. Mas nenhum lobo sã vagou em uma toca de urso, especialmente um com aquele cheiro fresco.

Mas porra, cheirava tão ... *bem*. Tão *dela*. O que provavelmente era prova de que o frio tinha chegado ao cérebro dela, porque por que diabos o cheiro de urso a faria se sentir tão feliz ou tão segura?

Ela levantou o nariz e cheirou profundamente. A toca estava desocupada, nenhum calor revelador, nenhum cheiro de pelo úmido. Mas o cheiro estava fresco o suficiente para sugerir que um urso havia passado recentemente. O que não fazia sentido. Uma vez que um urso se instalava em sua toca para o inverno, ficava parado.

A menos que ...

Ela estremeceu e, não apenas do frio. E se a toca pertencesse a um dos shifters de urso do clã que vivia do outro lado da montanha? Homens e mulheres grandes e corpulentos, confiantes, aqueles que são shifters de urso. Especialmente os homens, o adorável Paul Bunyan, com mãos enormes e barba desalinhada. Apenas os anciãos de seu bando de lobos lidavam com o clã dos ursos, e isso, em breves encontros, fazia o menor número possível entre eles. Os ursos eram imprevisíveis, pouco confiáveis e grosseiros, disseram os anciãos ao encher os ouvidos dos filhotes com contos de advertência.

Jessica se afastou. Ela sabia melhor do que se envolver com um urso.

Não este, uma voz travessa no fundo de sua mente dizia. *Este você gostaria de se envolver. Emaranhar, dançar, tocar ...*

Ela recuou ainda mais rapidamente, sacudindo a cabeça. O que havia de errado com ela?

No segundo em que as ancas dela estavam expostas ao frio intenso lá fora, ela parou. Aquela toca era seu único meio de sobrevivência. Sua última

chance. E de qualquer maneira, ela tinha que ser a única shifter louca o suficiente para estar nessa tempestade, certo?

Quando ela voltou para o abrigo, seu corpo quase suspirou, e não apenas pelo efeito de ter saído do vento forte lá fora.

Ela olhou para a escuridão. Se ela estivesse em forma humana, teria sussurrado na caverna baixa.

Alguém em casa?

Em vez disso, ela rosnou. Se houvesse um urso ali, ela o encontraria com os dentes arreganhados e quatro patas firmemente plantadas. Ela mostraria a ele do que ela era feita. Ela... ela...

Ah, inferno, o que ela realmente faria? Ela poderia se manter entre os lobos, mas com um urso? De jeito nenhum.

Este é um bom urso, insistiu a voz. Um urso para segurar, não para lutar.

Ela piscou a noção para longe. Como diabos ela teria um maldito urso? E por que ela iria querer?

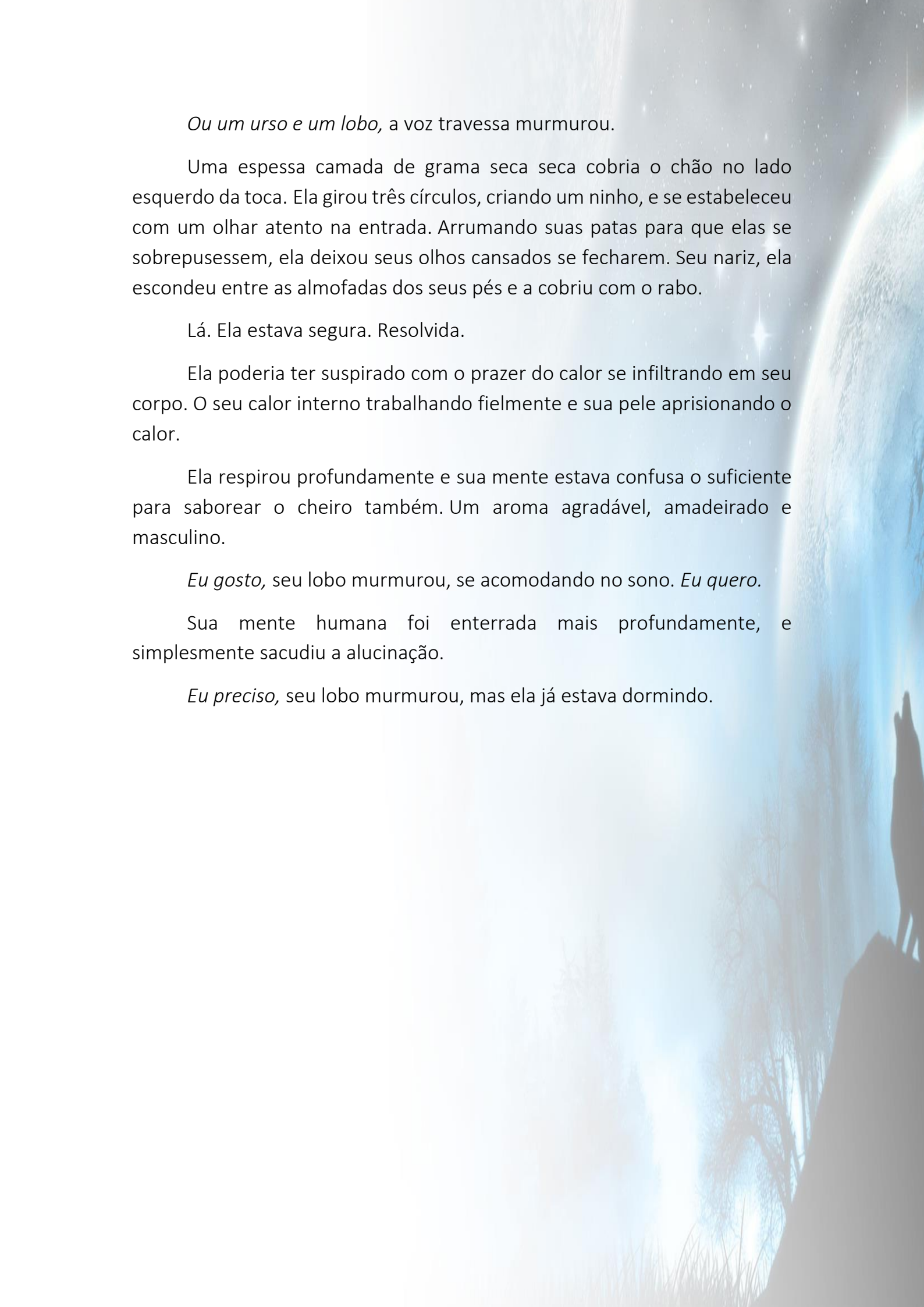
Ela deixou o rosnado crescer em seu peito e o enviou para a escuridão à frente. Pisando lentamente ao virar a esquina, ela deixou os olhos se ajustarem e exalou.

Sem urso. Sem perigo. Nenhum inimigo. Apenas uma toca perfeita e aconchegante. Não havia cantos escarpados de rocha para cutucar suas costas, nem estalactites gotejantes. Muita pouca umidade, na verdade, mas apenas um fio de corrente de onde um lobo sedento poderia beber.

Ou um urso com sede.

Ela engoliu em seco, tentando não deixar sua imaginação tirar o melhor dela. Ela ficaria bem. Ela se estabeleceria durante a noite e fugiria no segundo em que a nevasca diminuísse.

Olhando de fora para dentro, a toca parecia profunda e escura, mas quando ela olhou de dentro para a entrada, havia luz suficiente para ver o que a rodeava. A toca era grande o suficiente para dois ursos em termos amigáveis.



Ou um urso e um lobo, a voz travessa murmurou.

Uma espessa camada de grama seca seca cobria o chão no lado esquerdo da toca. Ela girou três círculos, criando um ninho, e se estabeleceu com um olhar atento na entrada. Arrumando suas patas para que elas se sobrepusessem, ela deixou seus olhos cansados se fecharem. Seu nariz, ela escondeu entre as almofadas dos seus pés e a cobriu com o rabo.

Lá. Ela estava segura. Resolvida.

Ela poderia ter suspirado com o prazer do calor se infiltrando em seu corpo. O seu calor interno trabalhando fielmente e sua pele aprisionando o calor.

Ela respirou profundamente e sua mente estava confusa o suficiente para saborear o cheiro também. Um aroma agradável, amadeirado e masculino.

Eu gosto, seu lobo murmurou, se acomodando no sono. Eu quero.

Sua mente humana foi enterrada mais profundamente, e simplesmente sacudiu a alucinação.

Eu preciso, seu lobo murmurou, mas ela já estava dormindo.

Capítulo Dois

Jessica sentiu como se mal tivesse adormecido antes de suas orelhas dispararem como periscópios gêmeos. Ela congelou, perfeitamente imóvel, escutando.

No começo, não havia nada, mas depois ela ouviu de novo. Passos abafados e um som estridente. Sua cabeça se levantou e ela ficou de pé quando os passos se aproximaram. Passos pesados e confiantes que se arrastavam até a entrada sem hesitação, até que pararam abruptamente.

O cabelo eriçado ao longo da linha da espinha do seu lobo se levantou, e ela rosnou baixinho.

Ela fungou e se arrastou para trás, batendo a sua bunda na parede próxima da caverna. Merda. Presa. Ela estava presa por algo muito grande e muito perigoso e ...

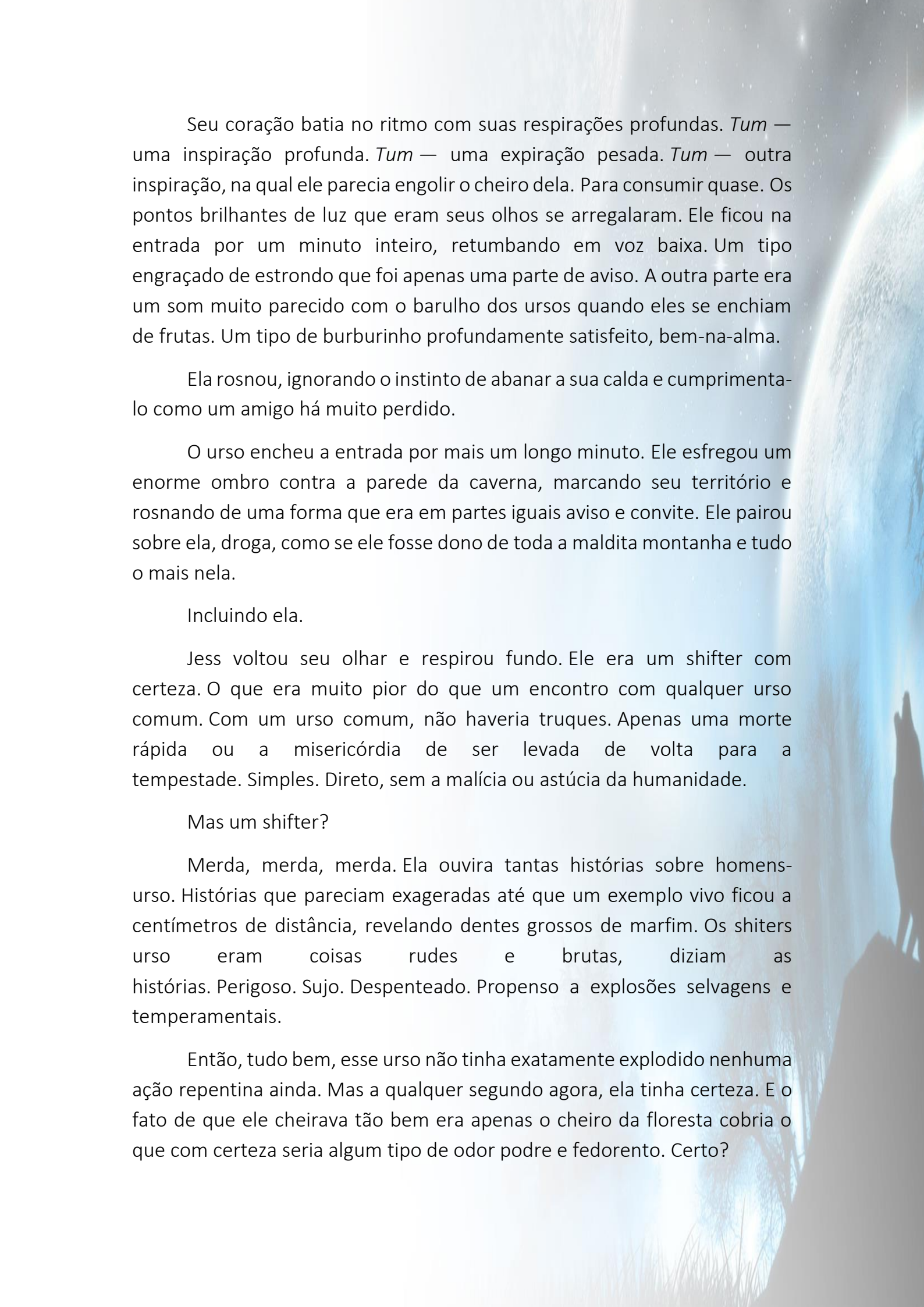
Muito masculino, a voz rouca falou dentro E oh, tão bom.

Ela rosnou para si mesma e para aquela voz interior ridícula.

Isso era um urso lá fora e, não o tipo carinhoso.

Ela rosnou mais alto. Nenhum ponto para fugir agora.

O urso bufou e se veio para frente. A maior parte dele fez a caverna escurecer antes mesmo que ele virasse a esquina em sua linha de visão. Quando ele ficou à vista, a única luz que entrava na caverna era a auréola de sua pele grossa — pelo que devia ser uma sombra arenosa de ouro para fazer a luz refletir dessa maneira. Tudo o que ela conseguiu distinguir foi o seu contorno e as baforadas de condensação que acompanhavam cada farejar pesado que ele roubou de seu perfume. O ar mudou ao redor das bordas quando seus pulmões expandiram, em seguida, contraíram a cada respiração.



Seu coração batia no ritmo com suas respirações profundas. *Tum* — uma inspiração profunda. *Tum* — uma expiração pesada. *Tum* — outra inspiração, na qual ele parecia engolir o cheiro dela. Para consumir quase. Os pontos brilhantes de luz que eram seus olhos se arregalaram. Ele ficou na entrada por um minuto inteiro, retumbando em voz baixa. Um tipo engraçado de estrondo que foi apenas uma parte de aviso. A outra parte era um som muito parecido com o barulho dos ursos quando eles se enchiam de frutas. Um tipo de burburinho profundamente satisfeito, bem-na-alma.

Ela rosnou, ignorando o instinto de abanar a sua calda e cumprimentá-lo como um amigo há muito perdido.

O urso encheu a entrada por mais um longo minuto. Ele esfregou um enorme ombro contra a parede da caverna, marcando seu território e rosnando de uma forma que era em partes iguais aviso e convite. Ele pairou sobre ela, droga, como se ele fosse dono de toda a maldita montanha e tudo o mais nela.

Incluindo ela.

Jess voltou seu olhar e respirou fundo. Ele era um shifter com certeza. O que era muito pior do que um encontro com qualquer urso comum. Com um urso comum, não haveria truques. Apenas uma morte rápida ou a misericórdia de ser levada de volta para a tempestade. Simples. Direto, sem a malícia ou astúcia da humanidade.

Mas um shifter?

Merda, merda, merda. Ela ouvira tantas histórias sobre homens-urso. Histórias que pareciam exageradas até que um exemplo vivo ficou a centímetros de distância, revelando dentes grossos de marfim. Os shifers urso eram coisas rudes e brutas, diziam as histórias. Perigoso. Sujo. Despenteado. Propenso a explosões selvagens e temperamentais.

Então, tudo bem, esse urso não tinha exatamente explodido nenhuma ação repentina ainda. Mas a qualquer segundo agora, ela tinha certeza. E o fato de que ele cheirava tão bem era apenas o cheiro da floresta cobria o que com certeza seria algum tipo de odor podre e fedorento. Certo?

Ele começou a rodear ela, esfregando um ombro contra a parede da caverna enquanto enchia a caverna com o seu cheiro. Ela recuou, rosnando o tempo todo. Um raio de luz disparou contra a toca quando ele se afastou da entrada, banhando sua pele arenosa em uma luz dourada e etérea. Ele bufou e piscou para ela através dos olhos azuis como um céu de verão sem nuvens.

Grrrrrrr, o urso rosnou profundamente, se aproximando. *Deixe-me cheirar você*, ele parecia dizer.

Grrrrrrr, ela ecoou em seu muito menos eficaz contralto. *Fique longe*.

Seu som baixo sacudiu os seus ossos. Seu rosnado alto era uma cócega risível em comparação, mas ela continuou assim mesmo. Urso ou não, ela lhe mostraria o quão forte ela poderia ser.

Eles circularam um no outro no sentido horário, depois se viraram e deram a volta no outro lado, tentando superar um ao outro com longos e contínuos grunhidos que a deixaram tonta em pouco tempo. Seus lábios se curvaram como se isso fosse um jogo e não vida ou morte. Como se ele estivesse gostando, porra, o que só a enfurecia ainda mais.

Grrrrrrr, ele cantarolou. *Apenas tente manter isso, pequena loba*.

Grrrrrrr, ela respondeu, levantando os lábios para mostrar mais de suas gengivas. *Me observe, urso estúpido*.

Suas sobrelanceiras pesadas subiram e ele inclinou a cabeça. *Estúpido?*

Estúpido. Ela assentiu. Meio segundo depois, ela engasgou de surpresa. Uau. Era essa a voz dele em sua mente?

Não, é a sua voz em minha mente, ele atirou de volta, olhando para ela. *Assim como você está, lobinha, na minha toca*.

Seu queixo caiu. Seus joelhos tremeram. Lobos do mesmo bando podiam enviar pensamentos para as mentes um do outro, mas essa forma de comunicação raramente funcionava com pessoas de fora. E falar com os ursos dessa maneira era inédito. Os lobos conduziram seus negócios limitados com o clã do urso em forma humana. A telepatia era impossível quando se tratava de ursos.

Não para os companheiros, seu lobo a corrigiu os seus ficaram olhos esbugalhados.

Jess rosnou alto, tentando afastar pensamentos tolos junto com o urso desconhecido. Ainda bem que ele não parecia ter ouvido os pensamentos malucos de seu lobo.

Não é louco. É o destino, seu lobo insistiu. Ou aquela outra voz, carregada pelo vento?

O urso levantou o queixo e deu uma boa e longa fungada. Então ele se adiantou, colocando uma enorme pata na frente da outra até que ela não teve escolha a não ser recuar. E para cima e para cima, até que ele a tinha com seu traseiro contra a parede e seu focinho apontou quase para cima em um esforço para manter contato visual.

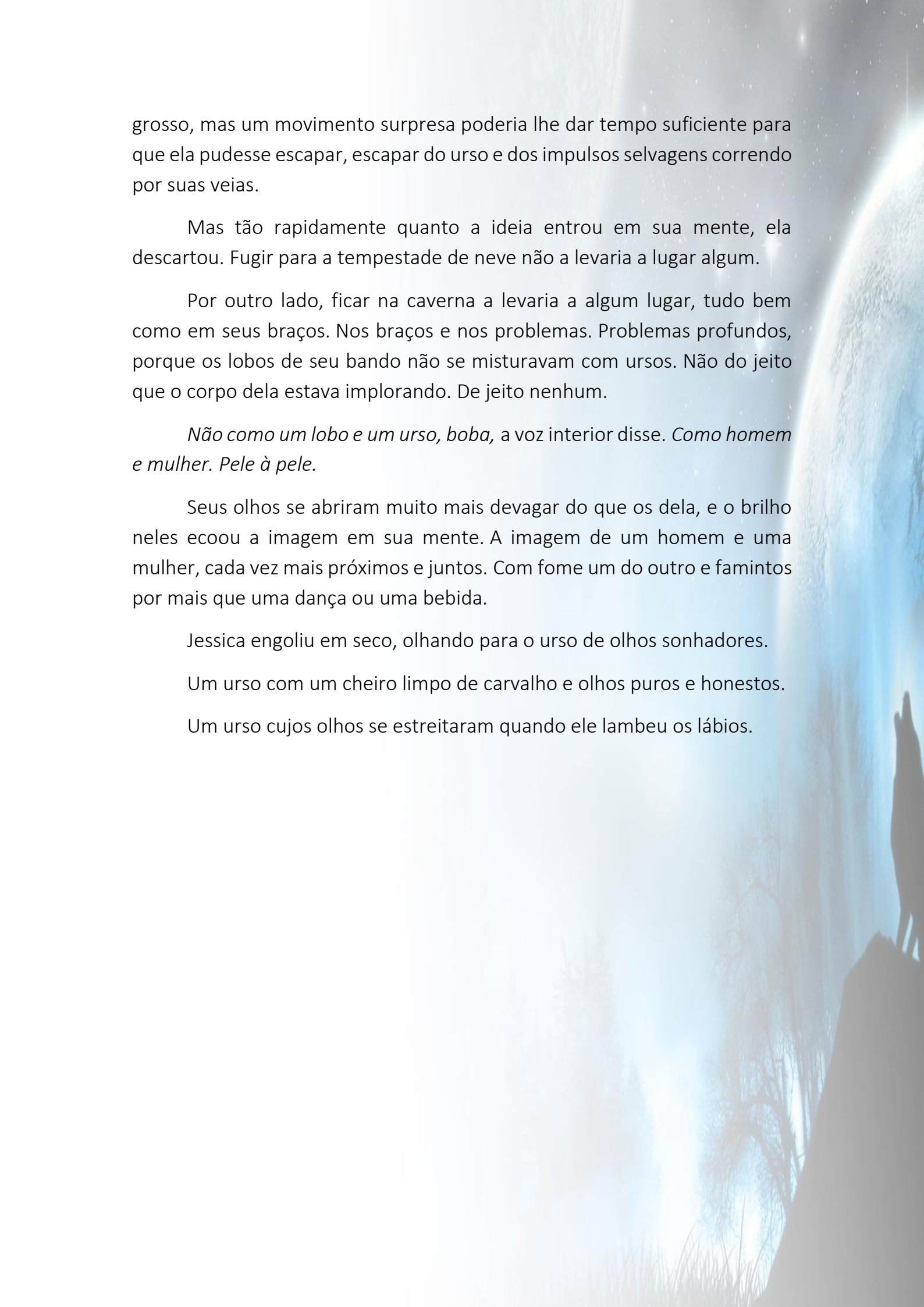
Por um louco segundo, ela o imaginou em forma humana e em um tempo e lugar diferente. Imaginou um estranho bonito com quem bebeu demais e teve uma dança. Ele seria o tipo de lenhador, robusto, grande, duro e áspero nas bordas, menos aqueles lábios macios e rosados e aquele cabelo dourado e ondulado. Ela imaginou uma coisa levando a outra e ele a apoiando contra uma parede, trazendo seus corpos muito, muito próximos. Ele a enjaularia com os braços e se inclinaria devagar. Seu queixo não barbeado se abriria levemente e, ele olharia para ela, meio solicitando, meio exigindo um beijo. Um beijo que ela já podia imaginar se entregando. Derretendo, de fato, até que ela estivesse pressionando seu corpo contra o dele e não o contrário. Até que a sua língua estivesse em seus lábios. Seria seu zumbido feliz enchendo sua mente atordoada e suas mãos percorrendo suas costas largas.

O vento uivou do lado de fora e ela se sacudiu para fora da visão. Uau. O que diabos havia passado por ela?

Ela piscou para o urso, mas os olhos dele estavam fechados, e uma expressão feliz passou por seu rosto.

Te disse, seu lobo insistiu. *Nosso companheiro*.

Ela deu em seu lobo uma bofetada interna e brevemente considerou pular em sua garganta exposta. Não que ela pudesse morder aquele rufo



grosso, mas um movimento surpresa poderia lhe dar tempo suficiente para que ela pudesse escapar, escapar do urso e dos impulsos selvagens correndo por suas veias.

Mas tão rapidamente quanto a ideia entrou em sua mente, ela descartou. Fugir para a tempestade de neve não a levaria a lugar algum.

Por outro lado, ficar na caverna a levaria a algum lugar, tudo bem como em seus braços. Nos braços e nos problemas. Problemas profundos, porque os lobos de seu bando não se misturavam com ursos. Não do jeito que o corpo dela estava implorando. De jeito nenhum.

Não como um lobo e um urso, boba, a voz interior disse. Como homem e mulher. Pele à pele.

Seus olhos se abriram muito mais devagar do que os dela, e o brilho neles ecoou a imagem em sua mente. A imagem de um homem e uma mulher, cada vez mais próximos e juntos. Com fome um do outro e famintos por mais que uma dança ou uma bebida.

Jessica engoliu em seco, olhando para o urso de olhos sonhadores.

Um urso com um cheiro limpo de carvalho e olhos puros e honestos.

Um urso cujos olhos se estreitaram quando ele lambeu os lábios.

Capítulo Três

Simon tentou não olhar. Ele realmente fez. Mas cada nervo em seu corpo parecia pulsar com uma dúzia de mensagens misturadas ao mesmo tempo.

Beija-a.

Mate-a.

Prove-a.

Leve-a.

Jogue ela para fora.

Toque-a.

Fale com ela.

Reivindique-a .

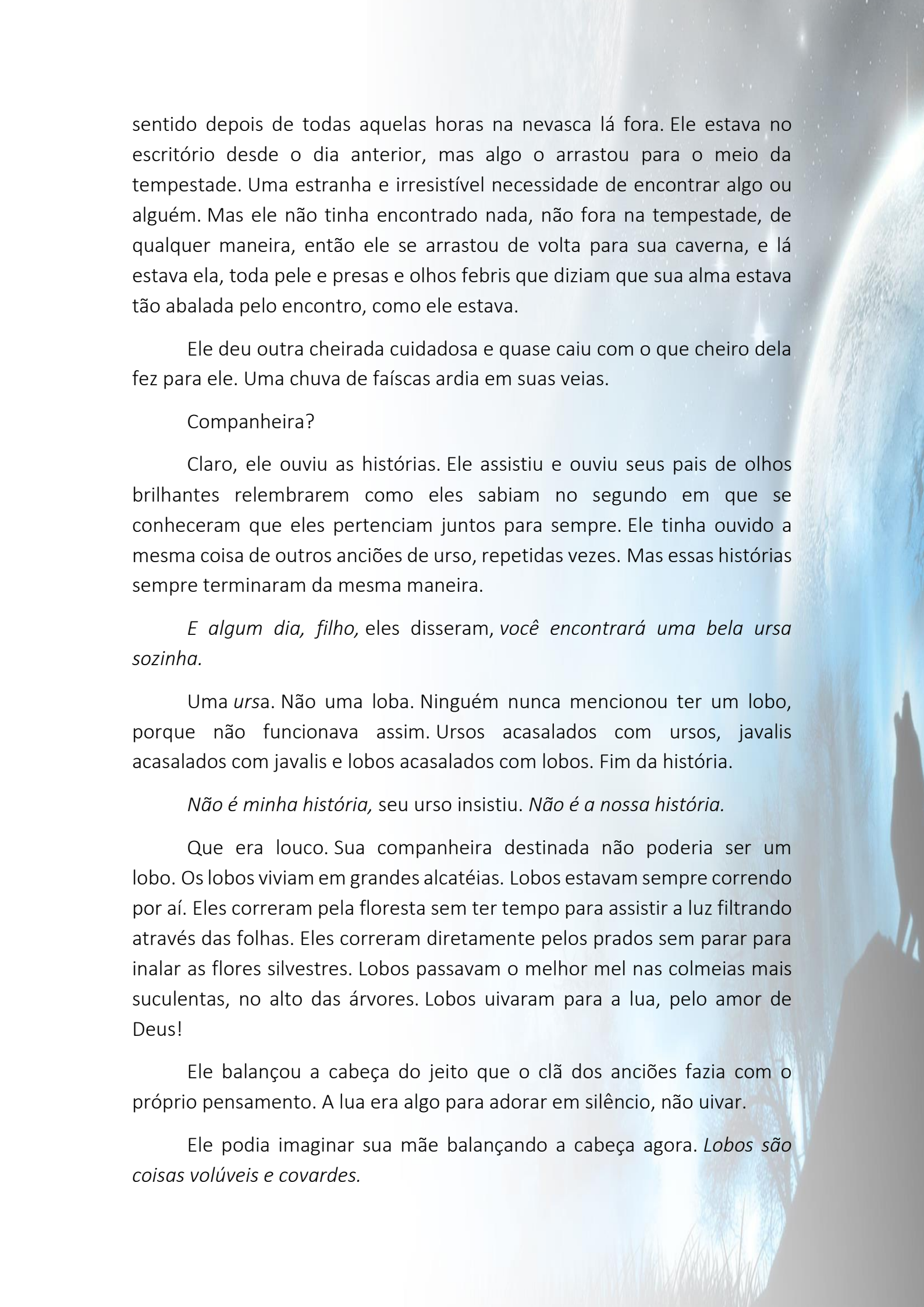
O que significava que ele não tinha esperança no inferno de fazer seus olhos pararem de gritar a qualquer momento em breve. Nenhuma esperança de fazer nada além de ficar muito quieto.

Companheira. Minha. Minha! Seu urso rugiu dentro dele.

Ainda bem que essa mensagem não escapou, porque ele deixaria os dois surdos com a força daquele rugido.

Inspire. Expire, ele ordenou a si mesmo. *Respire profundamente e pare de assustá-la.*

A pequena e dura loba estava tentando não demonstrar, mas seus joelhos tremiam e seus olhos tinham um metro de largura. Não que ele estivesse longe do sentimento. Seu coração acelerou, seu pulso trovejando em suas veias. Todo o seu corpo estava quente de uma forma que não fazia



sentido depois de todas aquelas horas na nevasca lá fora. Ele estava no escritório desde o dia anterior, mas algo o arrastou para o meio da tempestade. Uma estranha e irresistível necessidade de encontrar algo ou alguém. Mas ele não tinha encontrado nada, não fora na tempestade, de qualquer maneira, então ele se arrastou de volta para sua caverna, e lá estava ela, toda pele e presas e olhos febris que diziam que sua alma estava tão abalada pelo encontro, como ele estava.

Ele deu outra cheirada cuidadosa e quase caiu com o que cheiro dela fez para ele. Uma chuva de faíscas ardia em suas veias.

Companheira?

Claro, ele ouviu as histórias. Ele assistiu e ouviu seus pais de olhos brilhantes lembrarem como eles sabiam no segundo em que se conheceram que eles pertenciam juntos para sempre. Ele tinha ouvido a mesma coisa de outros anciões de urso, repetidas vezes. Mas essas histórias sempre terminaram da mesma maneira.

E algum dia, filho, eles disseram, você encontrará uma bela ursa sozinha.

Uma *ursa*. Não uma loba. Ninguém nunca mencionou ter um lobo, porque não funcionava assim. Ursos acasalados com ursos, javalis acasalados com javalis e lobos acasalados com lobos. Fim da história.

Não é minha história, seu urso insistiu. Não é a nossa história.

Que era louco. Sua companheira destinada não poderia ser um lobo. Os lobos viviam em grandes alcateias. Lobos estavam sempre correndo por aí. Eles correram pela floresta sem ter tempo para assistir a luz filtrando através das folhas. Eles correram diretamente pelos prados sem parar para inalar as flores silvestres. Lobos passavam o melhor mel nas colmeias mais suculentas, no alto das árvores. Lobos uivaram para a lua, pelo amor de Deus!

Ele balançou a cabeça do jeito que o clã dos anciões fazia com o próprio pensamento. A lua era algo para adorar em silêncio, não uivar.

Ele podia imaginar sua mãe balançando a cabeça agora. *Lobos são coisas volúveis e covardes.*

Grrrrrrr. A pequena loba continuou rosnando, segurando seu chão.

Seu urso soltou um pequeno e orgulhoso. *Minha loba não é volúvel, nem covarde, nem nenhuma dessas coisas.*

Uau. *Sua* loba? A sério? Como poderia ser?

Os shifters lobo misturavam tudo muito livremente com os humanos, assim como os cachorros. Ocasionalmente um shifter lobo até se via com um companheiro humano. Pelo menos, foi o que Simon ouviu. Os lobos de Black River nunca haviam cruzado essa linha, mas mantinham muitos laços com os humanos por meio de preocupações comerciais.

Os shifters de urso, por outro lado, se mantinham para si mesmos. Eles se atinham ao sertão, administravam sua serraria e viviam em pequenos círculos compostos daqueles em quem podiam confiar. Ursos presos com segurança – seguro e inteligente.

Então, por que ele estava tão tentado a fazer algo tão idiota?

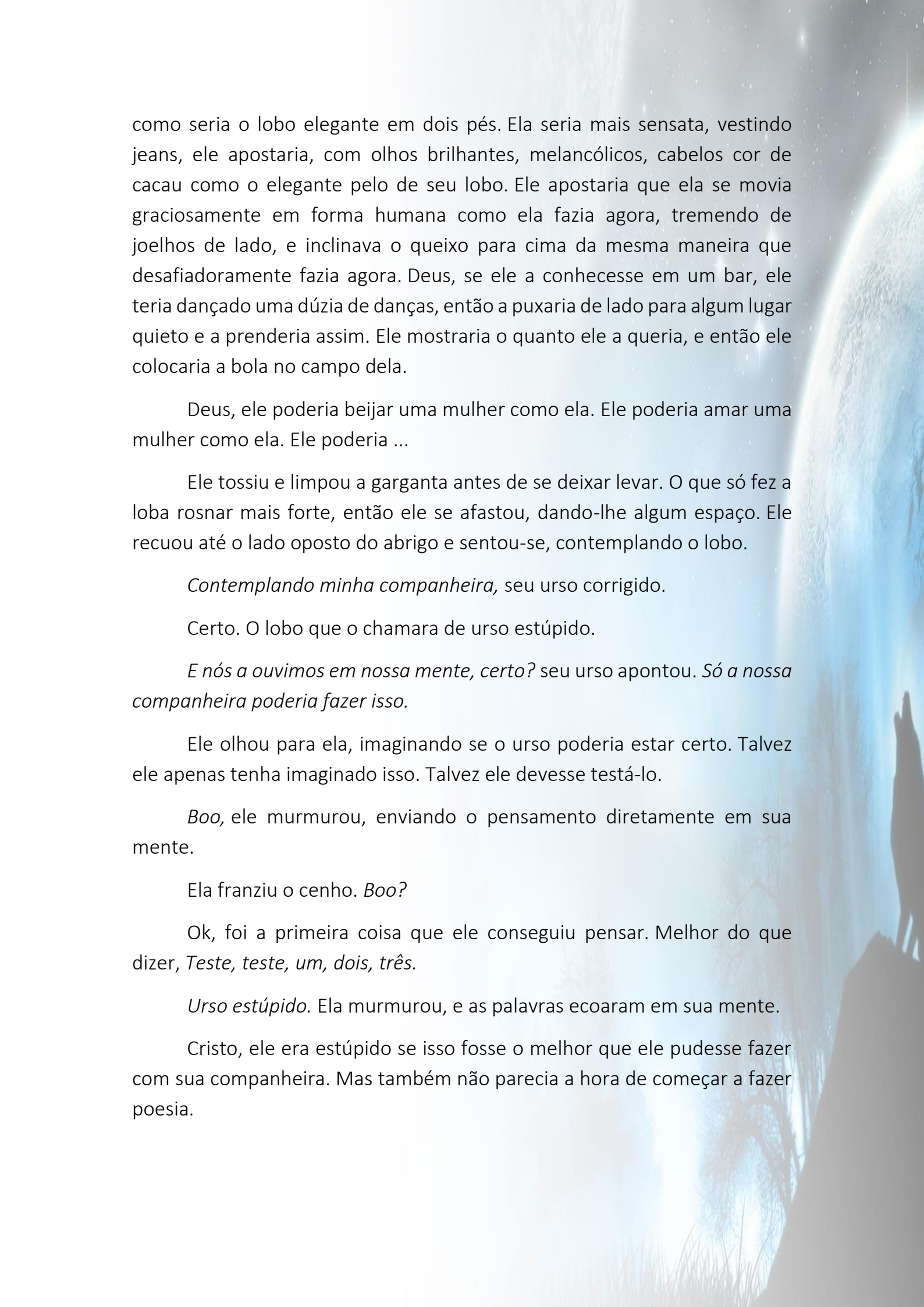
Grrrrrrr. A loba resmungou sem parar.

Ele a olhou de cima a baixo. Ele sempre achou que encontraria sua companheira destinada em algum momento posterior da vida. Como em outros dez anos ou mais, quando ele estava mais perto de trinta e cinco ou quarenta e pronto para se estabelecer. E ele sempre tivera certeza de que encontraria sua companheira depois de uma árdua jornada de mil e quinhentos quilômetros pelo continente em busca de algum cheiro efêmero. Ele nunca imaginou que iria *encontrá-la*. Não aqui. Não agora. Não assim.

E ele nunca, jamais, imaginou um lobo.

O que há de errado com um lobo? seu urso exigiu, de repente abrindo coisas que ele nunca tinha considerado antes.

Ele balançou sua cabeça. Nada de errado com um lobo, apenas algo errado com ele. Sua mente não estava funcionando corretamente, não neste frio. Ele estava muito ocupado ultimamente para pegar suas companheiras de clã em suas ofertas de diversão íntima. Talvez fosse por isso que a parte humana de sua mente estava se deixando levar, imaginando



como seria o lobo elegante em dois pés. Ela seria mais sensata, vestindo jeans, ele apostaria, com olhos brilhantes, melancólicos, cabelos cor de cacau como o elegante pelo de seu lobo. Ele apostaria que ela se movia graciosamente em forma humana como ela fazia agora, tremendo de joelhos de lado, e inclinava o queixo para cima da mesma maneira que desafiadoramente fazia agora. Deus, se ele a conhecesse em um bar, ele teria dançado uma dúzia de danças, então a puxaria de lado para algum lugar quieto e a prenderia assim. Ele mostraria o quanto ele a queria, e então ele colocaria a bola no campo dela.

Deus, ele poderia beijar uma mulher como ela. Ele poderia amar uma mulher como ela. Ele poderia ...

Ele tossiu e limpou a garganta antes de se deixar levar. O que só fez a loba rosnar mais forte, então ele se afastou, dando-lhe algum espaço. Ele recuou até o lado oposto do abrigo e sentou-se, contemplando o lobo.

Contemplando minha companheira, seu urso corrigido.

Certo. O lobo que o chamara de urso estúpido.

E nós a ouvimos em nossa mente, certo? seu urso apontou. *Só a nossa companheira poderia fazer isso.*

Ele olhou para ela, imaginando se o urso poderia estar certo. Talvez ele apenas tenha imaginado isso. Talvez ele devesse testá-lo.

Boo, ele murmurou, enviando o pensamento diretamente em sua mente.

Ela franziu o cenho. *Boo?*

Ok, foi a primeira coisa que ele conseguiu pensar. Melhor do que dizer, *Teste, teste, um, dois, três.*

Urso estúpido. Ela murmurou, e as palavras ecoaram em sua mente.

Cristo, ele era estúpido se isso fosse o melhor que ele pudesse fazer com sua companheira. Mas também não parecia a hora de começar a fazer poesia.

Talvez não tão estúpido, ele disse. Eu tenho uma toca agradável aqui. O lugar perfeito para se sentar em uma tempestade. Você preferiria ficar lá fora?

Ela olhou de volta.

Ok, não as palavras mais espertas para conquistar a sua companheira. Sua mente girou para algo melhor.

Um bom lugar para se aquecer até a tempestade acabar, acrescentou.

Especialmente com minha companheira, seu urso rosnou. Um comentário que ele esperava para o inferno não fez todo o caminho até a mente dela.

Ela olhou em volta e fungou. *É bom. Para uma toca de urso, quero dizer.*

Ele sorriu. Ela tinha começado, tudo bem.

Bom lugar para se aquecer. Ele apontou.

Aconchegar, seu urso acrescentou antes de afastar o pensamento.

Ainda um pouco frio, ela estremeceu quando o vento uivou para novas alturas do lado de fora. Ela tentou esconder o próximo pensamento, mas ele escapou como um leve sussurro. *E a noite está chegando rápido.*

O que ficaria ainda mais frio, ele sabia.

Seu urso encolheu os ombros. *Apenas aconchegue-se mais perto.*

Certo, como se ele tivesse dito isso a ela.

Façamos um acordo, pequena loba, ele disse.

Todos os músculos de seu corpo pareciam se agrupar, prontos para fugir. *Que tipo de acordo?*

Nós nos ajudamos.

Ajudar? Como?

Bem, ele começou tentando não parecer muito ansioso, *eu te mantenho quente ...*

Ela recuou, os olhos arregalados.

E você me mantém aquecido, ele terminou rapidamente. *Nada mais.*

Ela bufou exatamente do jeito que seu urso fazia por dentro. *Certo. Nada mais.*

Nada que você não queira, ele assegurou a ela.

Ela levantou uma pata e aqueceu contra sua barriga. Sim, ela estava com frio, tudo bem.

Tudo o que eu quero, ela insistiu, *é sobreviver esta noite.*

Seu coração apertou um pouco. Talvez ela quisesse dizer isso. Talvez ela não sentisse a atração do jeito que ele sentia.

Eu também menti. Combinado?

Seus olhos se estreitaram em suspeita. *Eu nem te conheço.*

Voss. Simon Voss.

Ela inclinou a cabeça ligeiramente reconhecendo o nome. A família Voss liderou seu pequeno clã de ursos por gerações.

Agora é a sua vez de se apresentar, loba, ele pediu.

Ela mostrou os dentes.

Você é a única no meu abrigo, ele disse. *Não é como se eu tivesse entrado no seu.*

Ela considerou por um momento, então deu um pequeno aceno de lobo. *Jessica. Jessica Macks*

Ele respondeu com o próprio aceno, tentando não demonstrar sua surpresa. Macks era o alfa dos lobos. Era o pai dela?

Jessica Macks, ela repetiu, com mais firmeza. *E tudo que eu quero é sobreviver esta noite. Nada mais.*

Sim, ele entendeu a mensagem, embora ele não acreditasse que ela estivesse falando sério. Nem tudo dela, pelo menos. Atrás daqueles dentes eriçados e orelhas irritadas estava o aroma doce e pegajoso de uma fêmea excitada.

Nada que você não queira. Ele assentiu em segurança.

Levou cada pedaço de força de vontade que ele teve que soltar os olhos dela e se virar. Ele se deitou de costas para a entrada da toca e eriçou seu pelo para reter o calor do corpo. E enrolou-se no grama seca como fazia antes de cada soneca de urso, embora todos os nervos de seu corpo estremecessem. Ela se juntaria a ele? Ela confiaria nele?

Por um longo minuto, o ar parecia mais frio e silencioso do que nunca, mas depois um passo cauteloso passou pelo leito de grama seca. Um, depois outro e outro, até que o fôlego dela esquentou a pele de suas costas. Ela virou a cabeça para um lado e para o outro, e embora ele não pudesse vê-la, podia imaginá-la avaliando o que fazer. Ela podia se deitar ao lado de suas costas em uma posição distante, mas mais exposta, ou ela poderia se enrolar ao longo de sua barriga e peito.

Muito mais confortável na frente, seu urso disse, calmamente a persuadindo enquanto ela permanecia indecisa. *Tão quente e aconchegante. Você se encaixaria tão bem aqui ...*

Ele a queria entre as patas, apertada contra o peito. Agradável e aconchegada, e quente onde ela estaria segura.

Agradável e aconchegante e quente, seu urso prometeu.

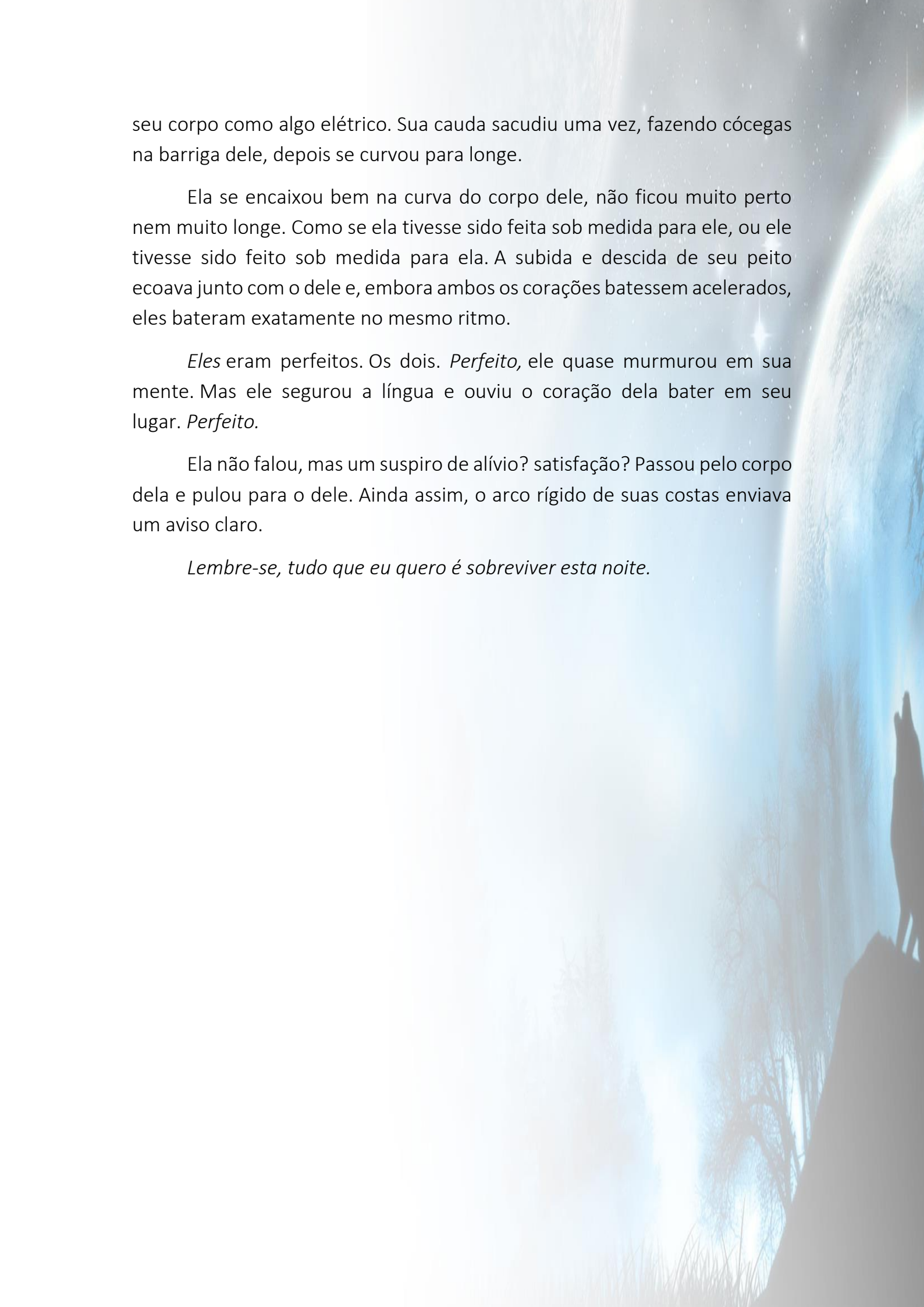
E nada mais? ela sussurrou de volta. *Nada que você não queira.*

Ela ficou perfeitamente imóvel e ele se perguntou o quanto ela lia profundamente as palavras dele.

Ele prendeu a respiração quando ela lentamente, silenciosamente andou ao redor e acomodou o seu corpo ao longo da curva de seu peito. Deixou uma polegada casta entre eles a princípio, mas quando o grama seca se acomodou sob seu peso, aninhou-se contra seu corpo.

Seu urso quase gemeu de prazer, e ele correu para cobrir o som com um murmúrio. *Veja? Agradável e acolhedor.*

E foi. Superquente. Muito legal. Ele respirou fundo, e uau, ela cheirava ainda melhor de perto do que de longe. Deus, ela era perfeita. Não ouriçada como um urso e quieta como um rato. Mas um zumbido parecia emanar de



seu corpo como algo elétrico. Sua cauda sacudiu uma vez, fazendo cócegas na barriga dele, depois se curvou para longe.

Ela se encaixou bem na curva do corpo dele, não ficou muito perto nem muito longe. Como se ela tivesse sido feita sob medida para ele, ou ele tivesse sido feito sob medida para ela. A subida e descida de seu peito ecoava junto com o dele e, embora ambos os corações batessem acelerados, eles bateram exatamente no mesmo ritmo.

Eles eram perfeitos. Os dois. *Perfeito*, ele quase murmurou em sua mente. Mas ele segurou a língua e ouviu o coração dela bater em seu lugar. *Perfeito*.

Ela não falou, mas um suspiro de alívio? satisfação? Passou pelo corpo dela e pulou para o dele. Ainda assim, o arco rígido de suas costas enviava um aviso claro.

Lembre-se, tudo que eu quero é sobreviver esta noite.

Capítulo Quatro

Jessica estava mentindo e sabia disso. O shifter urso também deveria saber, porque os ursos tinham narizes ainda mais afiados que os lobos, e o cheiro de sua excitação era quase tão óbvio quanto o odor picante do seu medo.

Jesus, ela estava realmente aninhada com um urso? Com um shifter que ela nem conhecia?

Claro que sim, seu lobo sorriu de orelha a orelha. *E Deus está tão bom.*

Isso é o que a assustou, que fosse bom. Que parecesse tão certo.

Meu urso, seu lobo cantarolou. Casualmente, como se a besta fosse um ursinho de pelúcia e não mais de duzentos quilos de músculo, pele e presas.

Basta pensar em que tipo de homem vai com um corpo como este, seu lobo disse em um tom abafado.

Seu coração batia mais rápido, imaginando exatamente isso.

Você está bem? ele murmurou em sua mente.

Vê? Seu lobo disse a ela. *Um cavalheiro. Um urso com honra.*

Engraçado, Jessica não sabia que havia tal coisa. Não a maneira como os lobos falavam sobre os ursos. Seu pai respeitava o clã Voss, mas ela sempre achava que isso se baseava em seu tamanho, não em sua astúcia ou em virtude. O que aconteceu com os ursos supostamente sendo rudes e não civilizados?

Ela pensou sobre tudo que já ouvira sobre ursos. Analisou por um tempo, depois se perguntou se os ursos falavam sobre os lobos da mesma maneira. Eles abrigaram tantas suspeitas? Como muitos preconceitos?

Ei, ele disse ainda mais suavemente. *Você está bem?*

Bem. Ela teve que limpar a garganta apenas para passar a palavra pela dor da vergonha. *Estou bem. Obrigada.*

De nada. O urso rosnou em satisfação quando ele enviou as palavras em sua mente.

E foi isso. Ele ficou quieto atrás dela, sem se mexer, sem tentar nenhum truque sujo. Mantendo-a feliz e confortável. Nenhuma patinha errante, nenhuma respiração vigorosa. Apenas aquele coração pulsante batendo compassado, embalando-a para dormir.

Ela tentou manter os olhos abertos e as costas rígidas, mas isso era impossível. Era como se aconchegar sob um cobertor em uma noite de inverno com um fogo crepitando na lareira e sua avó recontando sua história favorita pela centésima vez.

É porque estou exausta, ela disse a si mesma. *Não por causa dele.*

Claro, seu lobo bocejou sonhadoramente. *Nada a ver com ele.*

Ela caiu no sono muito mais rápido e mais profundo do que deveria ser para um lobo que foi flagrado invadindo cama de um urso. Começou a sonhar quase no mesmo instante em que seus olhos se fecharam e se divertiu em doces e ensolarados sonhos que a levaram de volta ao verão. Ou melhor, antes do verão, porque era mais glorioso do que qualquer verão que ela recordasse. Talvez fosse um verão no futuro ou apenas um verão de fantasia, uma junção dos melhores dias de todos os verões que ela já viveu ou imaginou. O tipo com dias longos e sem nuvens, seguidos de noites claras e estreladas. Com altas flores silvestres balançando nos prados e abelhas zumbindo entre as folhas de grama seca. Uma dúzia de pequenos riachos brotava e balbuciava enquanto a neve nas montanhas degelava gradualmente. O tipo de verão que você passou vagando, cheirando e olhando, apenas pela alegria de tudo isso.

No sonho, ela dormia em um daqueles prados idílicos, observando nuvens deslizando lentamente acima de suas cabeças. Brincando e sorrindo porque ela tinha acabado de comer frutas e riu até que ela estava tremendo com as piadas e histórias de infância e todos os tipos de coisas bobas vindo de uma voz rouca e profunda muito perto de seu ouvido. Ela nunca se sentiu

tão satisfeita. Nunca ficou tão impressionada com o azul do céu ou o azul dos olhos de um homem ...

A subseção de sua mente que estivera monitorando o sonho continuou em alerta vermelho. Homem? Que homem? Que olhos azuis?

O sonho se arrasou, gloriosamente, com o homem ao lado dela sorrindo para ela de um jeito que nenhum homem jamais havia sorrido antes. Possivelmente de um jeito que *ele* nunca havia sorrido antes, porque o jeito que ele olhava para ela dizia, de todas as partes lindas daquela cena de verão, ela era a mais perfeita de todas.

Melhor que as bagas, não é mesmo, o homem no sonho brincou, acariciando sua bochecha.

Não tão certo. — Ela riu enquanto ela segurava sua bochecha com barba e traçava seu lábio inferior com um polegar.

Absolutamente certo, ele murmurou, a puxando para um beijo. Um beijo tão quente e brilhante como o meio-dia nas montanhas em julho.

Deus, foi um bom sonho. Do tipo que ela nunca quis acordar.

Qual foi exatamente o pensamento que fez seus olhos se abrirem, porque aqueles eram os tipos de visões que você tem quando morre de frio, ou pelo menos ela ouviu, quando todo o sangue em seu corpo correu para o seu meio, dando a ilusão de calor. Ela piscou e balançou os dedos dos pés. Tudo operacional, o que era um bom sinal. Seus dedos apertaram um cobertor perto do rosto, e eles eram uma rosa claro, não azul. Ela soltou um longo suspiro, depois outro, e nenhum deles mostrou condensação no ar frio. Porque não era mais aquele frio, ela percebeu. Estava morno. Perfeitamente, maravilhosamente quente. Como um banho de temperatura certa. Algo estalou quietamente do outro lado da toca e ...

Espere um minuto. Dedos? Cobertor?

Ela ficou muito, muito quieta, tentando entender as coisas. Em algum momento em seu sono, ela mudou de volta para a sua forma humana. E em algum momento, o shifter urso Simon deve ter jogado um cobertor sobre ela e começado aquele pequeno fogo alegre em uma lareira apoiada em uma parede que ela não tinha notado antes. Que ele precisaria de mãos para

fazer, o que significava que ele tinha que ter mudado para a forma humana também, o que significava ...

Ela engasgou, percebendo que era uma carne lisa e nua que estava contraída e não sustentava mais pelo.

— Você está com frio? — Ele perguntou, aconchegando mais perto. Seu peito era uma encosta rochosa que chegava até uma paisagem acidentada de abdominais, disposta em colinas de músculos.

Não, o frio não era o problema. De repente, ela estava muito, muito quente.

Mm, seu lobo interno bocejou e se espreguiçou. Maneira perfeita de acordar.

Jesus, ela mal conhecia esse cara!

Eu conheço meu companheiro, seu lobo ronronou.

Ela rolou de costa si mesma, ficando cara a cara com seu urso misterioso, agora em forma humana.

— Hum, oi. — Ela conseguiu, de cara para seu duro peitoral. Descansando as mãos contra eles por falta de espaço.

— Oi.

Porra, o homem se especializava em notas profundas que tocavam cada canto oculto de sua alma? Ele poderia ter estendido a mão e massageado seus braços entre suas grandes mãos. Esfregando cada um dos dedos e soprado algumas respirações para aquecê-la.

Mas ele não alcançou. Ele apenas ficou lá com um braço solto sobre o lado dela. Esperando. Olhando. Respirando em silêncio.

Ela parecia mais alta, prendendo a respiração, e deixou seu olhar vagar por um queixo grosso de barba por fazer, depois deslizar sobre a pele macia de um bebê de suas bochechas. O leve toque bronzeado fez a rosa suave de seus lábios parecerem extra rosados e macios e ...

Beijável, seu lobo suprido. Realmente, realmente beijável.

Ela mordeu os lábios e cerrou o punho antes de fazer algo louco como estender a mão e tocar aqueles lábios.

Um pequeno toque de perfume de urso despertou para o nariz dela, e seus olhos se fecharam. Ele estava imaginando isso também? Quão bom seria tocar e ser tocado?

As linhas ao redor de sua boca sugeriam que ele passava mais tempo sorrindo, e as marcas de vincos nos cantos dos olhos poderiam ter vindo de rir ou de olhar para o sol. O cabelo castanho-dourado enrolava-se nas bordas das orelhas, ondulando de um lado para o outro e ...

Ele abriu os olhos e ela prendeu a respiração. Esses olhos azuis. Olhos como o céu de verão, engarrafados e depois liberados nessa toca escuro. Olhos que ganhavam sua própria definição de azul, eles eram tão brilhantes e profundos. Seu coração batia um pouco mais rápido, e o dele também. Ela podia sentir isso sob sua mão.

Bum, foi quando ele olhou para ela.

Bum. Bum. Bum.

Sua boca se abriu. Fechou. Suas narinas se abriram e sua bochecha se contraíram.

Companheiro. Companheiro.

A voz que enviou as palavras em sua mente não era de seu lobo, e não era o barítono do urso. Era um baixo profundo e áspero, tão antigo quanto as montanhas. Tão sólido quanto o leito de rocha, tão profundo quanto a terra.

Companheiro, disse a ela. *Este é o seu companheiro.*

Havia um sorriso indulgente por trás da voz, mas uma pitada de tristeza que a assustou também. O que o destino tem reservado para ela se este fosse seu companheiro?

O vento uivou do lado de fora, então subiu a um ponto alto. O fogo cintilou quando um tronco em chamas se moveu e caiu. Ela balançou a cabeça um pouco e se forçou a respirar. Ela estava apenas imaginando

coisas, certo? Não era o destino falando com ela. Apenas a ascensão e queda do vento.

Os olhos do homem se estreitaram e giraram.

Ela olhou e gaguejou e se perguntou o que dizer, o que fazer. Deus, foi como acordar com uma manhã tímida depois, sem o benefício da única noite.

— Então ... hum ... — Ela pescou por algo para dizer.

Ele levantou uma sobrancelha curva. Poderia também ter ligado o termostato interior ao mesmo tempo, fazendo seu lobo uivar.

Disse que ele seria fofo, o lobo riu.

Ela balançou a cabeça. Cabelo despenteado. Bochechas altas e coradas. *Bonitinho* não começou a descrever aquele rosto ou as placas sólidas de aço sob suas mãos.

Mais como quente. Fumegante quente.

— Hum ... boa caverna. — disse ela, tentando soar casual, como se ela acordasse com um lindo estranho todos os dias.

Não é um estranho. Nosso companheiro, seu lobo latiu de volta.

Ela balançou a cabeça. *Isso foi apenas o vento.*

Ele abriu um sorriso. — Escondi alguns suprimentos. Você sabe, apenas no caso.

O lado em pânico de sua mente se perguntou se os suprimentos dele incluíam alguma roupa para um hóspede pego de surpresa após uma mudança não intencional. Seu lado perverso, no entanto, fantasiava sobre outras coisas. Como calda de chocolate para ele lambe os seus mamilos, talvez. Morangos para mergulhar nele, ou talvez um pouco de mel ...

Seus olhos se arregalaram.

Merda, merda, merda! Agora, o que a fez pensar nisso?

Lobo mau! ela repreendeu. *Lobo muito mau!*

Os cantos dos olhos dele se enrugaram quando ele abriu um largo sorriso. — Calda de chocolate, hein?

Ela gemeu e bateu a cabeça contra o peito dele. — Diga-me que você não ouviu isso.

— Hum ... eu não ouvi isso. — disse ele. Então seus volumosos braços a aproximaram e ele se inclinou para sussurrar em seu ouvido. — Mas talvez eu tenha pensado.

Ela fechou as mãos contra o peito dele e curvou os dedos dos pés, desejando que a toca não estivesse preenchendo com o cheiro de seu desejo.

— Eu mal te conheço. — Ela sussurrou, balançando a cabeça. — Como eu posso te querer tanto assim?

Seus lábios tocaram sua orelha desta vez. — Porque eu também quero você. Porque você é minha. E eu sou seu.

— Isso foi apenas o vento. — Ela protestou, ordenando o tornozelo para não se estender em torno de sua panturrilha. Seria tão fácil levar isso para o próximo nível. Ela já estava pele a pele com ele, seus troncos colados. Tudo o que ela precisava era envolver a perna sobre a dele, se aproximar e ...

Seus lábios fizeram cócegas em sua orelha. — Não é o vento. E sim o destino. — Ele fez uma pausa, deixando a palavra correr algumas voltas em torno de suas veias. Então ele suspirou. — Olhe ... Jessica, certo?

Só de ouvir o nome dela sair da sua língua fez com que ela quisesse deixar as mãos dela explorarem o resto do seu volume.

— Olhe? Eu mal te conheço. — Ela decidiu experimentar o nome dele, e porra, parecia tão bom, tão natural em sua língua. — Simon ...

Seu peito inchou enquanto ele rastreava ao longo de sua garganta. — Então, deixe-me conhece-la, lobinha.

Ela queria dar um tapa no peito dele, mas o movimento era mais leve. — Eu não sou pequena.

Ele levantou a cabeça e seus olhos brilharam como o sol brincando sobre um lago azul, no alto das montanhas.

— Se eu te chamasse de grande, provavelmente você me bateria.

Ela acabara de dar um tapa nele. Tipo isso. Mais ou menos. Quase.

— Olhe, Jess, por que lutar contra isso?

Jess. Eles já estavam em apelidos. Jesus, ela era um caso perdido.

— Isso, o quê? — Perguntou ela, embora soubesse muito bem.

— Essa atração. Essa necessidade. Isso. — Ele acenou no pequeno espaço entre seus peitos, então se inclinou para sussurrar em seu ouvido. — Destino.

— Porque ... porque ... — Ela atormentou sua mente por algum bom motivo. Inferno, qualquer motivo, bom ou ruim. Ela realmente não estava pronta para aceitar que esse urso poderia ser o seu companheiro.

Por que não? seu lobo retrucou. *Imagine um lobo que você gostaria mais do que esse urso.*

Sua mente voou desesperadamente sobre os lobos em sua matilha. Tentou focar na imagem de Will, o lobo de couro com os olhos escuros e pensativos e as mãos talentosas que ela deixava acarretar algumas vezes. Ou Crow, o grande shifter de Harley que todas as lobas sonhavam em ter uma noite. Ou Ben, o doce filho do carpinteiro, com uma voz baixa e suave ...

Mas ela não conseguia colocar os rostos deles em foco. Não o lobo mais bonito da matilha, nem o mais gentil, nem o mais esperto, o mais doce ou o mais rápido. Todos os flertes, todas as noites de sexta-feira divertidas que ela tinha sido feliz em entreter seu lobo se transformaram em memórias lamacentas no segundo que ela viu seu companheiro.

Companheiro. Ela piscou para Simon e prendeu a respiração. Companheiro?

Seu lobo assentiu com a cabeça mil vezes. *Tudo o que queremos é ele. Tudo o que precisamos é dele.*

Mas e os ursos sendo imprevisíveis, pouco confiáveis e grosseiros?

Ele tem sido alguma dessas coisas?

Era seu lobo falando, mas eram seus claros olhos azuis, trancados nos dela, fazendo o convencimento.

— Mas ... mas ... — ela protestou. — Você é um urso e eu sou um lobo.

Ele balançou a cabeça, enrolou uma grande mão em torno da dela e apertou-a. — Não agora, nós não somos. Eu sou um homem ...

... Um homem realmente muito quente. Seu subconsciente soprou.

— ... e você é uma mulher ... — ele continuou.

... Uma mulher que é muito, muito quente em todos os lugares certos, o seu lobo riu em seu ouvido.

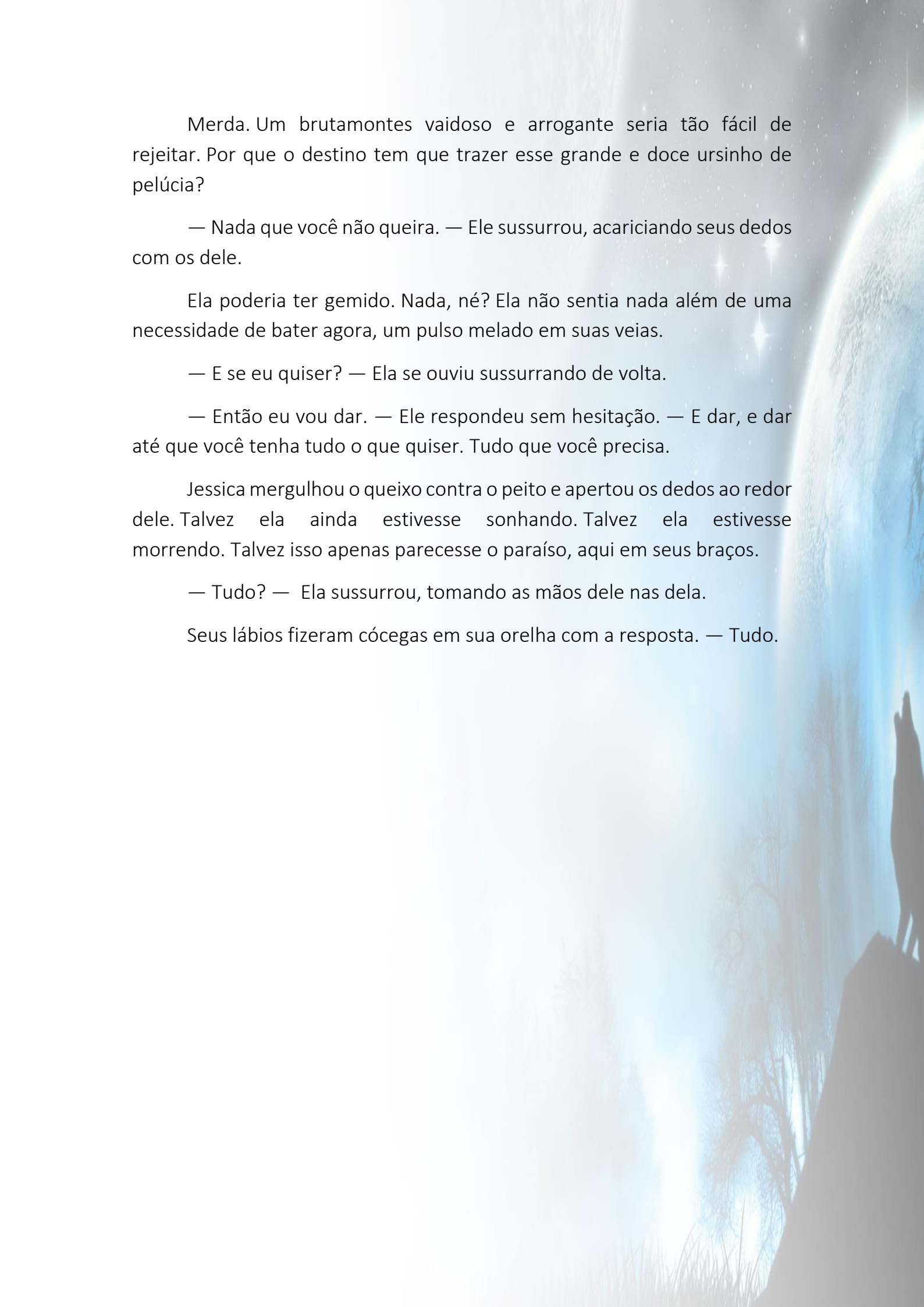
— Então, o que nos impede? — Ele terminou.

O empurrão de sua luta interior fez seu corpo tremer contra o dele. Seu lobo queria sexo, duro e rápido. É assim que os lobos operavam: eles eram criaturas instintivas e impulsivas, e lidavam com as consequências depois. Mas seu lado humano vacilou. Se esse urso realmente fosse seu companheiro, dormir com ele significava mais do que o ato sexual. Seria o primeiro passo em direção a um laço vitalício. Um compromisso enorme. Uma responsabilidade. E um dilema, porque como eles fariam isso funcionar?

— Ei. — Ele sussurrou baixinho. — Que tal começar de novo?

— Como? — Ela murmurou desesperadamente. Seu estômago se contorceu em nós, sua mente rasgada em mil direções diferentes.

— Assim. — Seu corpo estava tenso de contenção, e seu rosto se contraiu com sua própria batalha interior. Seu único movimento foi devagar, gentilmente guiando-a até que ela se encostasse nele novamente, de costas para a frente. Ele passou um braço em volta da cintura dela e apertou os dedos nos dela em um ponto neutro perto de sua barriga. — Aqui. Bem aqui. Você decide.



Merda. Um brutamontes vaidoso e arrogante seria tão fácil de rejeitar. Por que o destino tem que trazer esse grande e doce ursinho de pelúcia?

— Nada que você não queira. — Ele sussurrou, acariciando seus dedos com os dele.

Ela poderia ter gemido. Nada, né? Ela não sentia nada além de uma necessidade de bater agora, um pulso melado em suas veias.

— E se eu quiser? — Ela se ouviu sussurrando de volta.

— Então eu vou dar. — Ele respondeu sem hesitação. — E dar, e dar até que você tenha tudo o que quiser. Tudo que você precisa.

Jessica mergulhou o queixo contra o peito e apertou os dedos ao redor dele. Talvez ela ainda estivesse sonhando. Talvez ela estivesse morrendo. Talvez isso apenas parecesse o paraíso, aqui em seus braços.

— Tudo? — Ela sussurrou, tomando as mãos dele nas dela.

Seus lábios fizeram cócegas em sua orelha com a resposta. — Tudo.

Capítulo Cinco

Inspire, expire, Simon disse a si mesmo. Inspire, expire.

Mas respirar com calma era tão impossível quanto manter as mãos longe dessa mulher. Seu coração batia como um trem a vapor prestes a pular. Faíscas zuniram em torno de seu corpo como se fosse uma maldita máquina de pinball, acertando cada sino, acendendo todas as luzes ao longo do caminho. Seu sangue se apressou e sua alma cantou.

Companheira! Companheira! Companheira!

Ele poderia estar calmo por fora, mas por dentro, seu urso estava dançando e cantando como um bêbado.

O que era louco, porque não era como se o seu urso estivesse esperando por esse momento por toda a sua vida. Ele estava perfeitamente feliz sendo apenas *ele*. Um solteiro feliz, ocupado o suficiente fazendo sua própria coisa. Se qualquer coisa, ele sempre ficaria aliviado por *não* ter encontrado uma companheira ainda, porque ele não precisava de uma companheira neste momento em sua vida.

Exceto, de repente, ele precisa. Ele *precisava* dela tanto quanto ele precisava de sua próxima respiração. *Ansiava por* ela. *Com sede* dela, como se ele realmente estivesse esperando a sua vida inteira por este momento e simplesmente não soubesse disso.

E Cristo, agora ele sabia. A pergunta era, ela queria?

Ele viu seus olhos se arregalarem. Ouviu sua respiração pegar o mesmo momento que ele fez. Sentiu seu corpo aninhado contra o dele, buscando mais do que apenas calor.

Mas ela hesitou um segundo depois. Aqueles olhos cinza piscaram para ele como se ele fosse um estranho e não um amigo há muito perdido. Ela virou as costas e ficou quieta de novo.

Então talvez ela não soubesse. Talvez ela não tenha sentido.

Seu urso deu um grito triste, rezando para que não fosse verdade.

Ele fechou os olhos, tentando descobrir o que fazer. Jesus, se ele estragasse tudo agora, ele seria amaldiçoado pelo resto de sua vida. Solitário. Amargo. Sozinho.

Sem pensar, ele a abraçou mais apertado e aplaudiu quando seus dedos tocaram os dele em resposta. Acariciando, não resistindo. Ela suspirou um pouco e se acomodou contra ele.

Companheira confia em mim. Me queira. Seu urso interior brilhava.

Ele se aproximou com cuidado. Lentamente, gentilmente, ele deixou o polegar acariciar sua barriga, dizendo a si mesmo que a bola estava em sua posse. O que quer que ela quisesse, ele daria a ela. Nem mais nem menos.

Mas Deus, ele esperou por *mais*, não menos.

Por um longo tempo, ela não fez nada além de ficar quieta ao lado dele. O que também estava certo. Ela poderia dormir um pouco mais se quisesse. Ele a manteria aquecida e segura e sentiria seu peito subir e descer lentamente a cada respiração. Se ela queria falar, tudo bem, ele também poderia tentar. Os ursos não eram grandes faladores, mas eram bons ouvintes e ele queria saber tudo sobre ela. Suas esperanças, seus sonhos, seus medos. Ele ouvia e aprendia e começava a montar algum tipo de plano sobre como eles poderiam fazer as coisas funcionarem.

Ele acariciou a pele dela por mais algum tempo. Era macia e suave como o pelo dela e, tinha a mesma camada magra de músculo por baixo. Uma camada que ondulou um pouco quando ela se moveu sob o braço dele. Ela enrolou os dedos ao redor dos dele e reposicionou a mão dele. Um pouco mais alto, onde ele poderia traçar a próxima linha inclinada de músculo sobre as costelas.

Ela moveu a mão ainda mais alto, onde o músculo recuou sob a carne que parecia mais suave. Mais cheio.

Ele fechou os olhos, rezando para que fosse ela puxando a mão para o peito e não seu urso sendo levado embora. Ele podia ver agora: o olhar

horrorizado que ela tinha sobre ele. A bofetada. O grito de protesto. Então ele ficou mais quieto ainda, certificando-se que realmente era ela e não ele.

O único som que suas orelhas afiadas captaram, no entanto, foi um zumbido satisfeito.

— Hm. — Ela disse. — Agradável.

Ele deslizou os dedos ao longo do lado de seu peito e segurou-o suavemente em sua grande mão. Um ajuste perfeito, como o resto dela.

Seu pé mudou, esfregando contra sua perna, e metade do sangue pulsando em suas veias desviou para seu pênis.

— Sim. — Ele murmurou, apenas pela desculpa de deixar seus lábios saborearem sua pele. Seus ombros eram fortes e flexíveis de tudo o que ela deve fazer correndo em quatro patas. Uma loba que foi pega numa nevasca não era do tipo que ficava em casa, afinal de contas. Ela tinha que ser do tipo que buscava ar, espaço e céu e não deixava nada impedi-la. Não o tempo, nem a floresta, nem mesmo um urso estranho.

Seu urso choramingou um pouco. *Companheira. Minha companheira.* Porra, o destino era esse.

Ele não pôde evitar roçar o ombro dela, raspando o queixo lentamente, deliciosamente sobre a bochecha dela em traços longos e possessivos.

Ela fechou a mão ao redor da dele e, por um segundo, ele pensou que ela o afastaria.

— Nada que você não queira. — Ele sussurrou.

Ela apertou a mão dele mais perto. — E se eu quiser mais?

— Mais? Eu posso fazer mais. — ele disse, tentando não parecer muito ansioso.

Seu pé foi entre as suas pernas, o traseiro perfeito aninhado, se aninhando perto de sua virilha.

— Muito mais. — Ela sussurrou.

Seu urso avançou. *Eu vou dar mais a ela.*

Ele cerrou os dentes e empurrou o animal para baixo em sua mente. Por mais que quisesse ouvi-la gemer, chorar e implorar por mais, é melhor ir devagar.

— Assim? — Ele passou um polegar sobre o mamilo e, ela arqueou-se em seu corpo.

— Sim assim. — Sua voz era um sussurro rouco. Quase um apelo.

Ele fez isso de novo, fazendo seu mamilo endurecer e enrugar. Muito parecido com seu pau, que estava contra sua bunda perfeita. Não que ela parecesse se importar. Ela recuou para ele e cantarolou mais alto.

— Bem desse jeito.

Então ele tocou seu mamilo enrijessido com o polegar calejado, apertou a carne macia ao redor e fez movimentos circulares. Mudou de um lado para outro até que ela ficou sem fôlego e se mexendo ao redor. Ela rolou e se esticou, oferecendo-lhe mais, o que ele recebeu com lambidas e mordidas e rosnados cada vez mais gananciosos. Ele pegou e levou até que ele estava tão dolorido quanto ela parecia estar. Tão bêbado de desejo.

Ele a virou um pouco mais, e ela foi de bom grado, rolando de costas. Sua perna direita se estendia sob ele enquanto a esquerda se curvava no joelho e se abria. Seus dedos enrolaram em seu cabelo e guiou a sua cabeça para baixo, até o umbigo. Mais abaixo, para seu lugar mais doce. Abaixo ainda, para as dobras lisas abaixo.

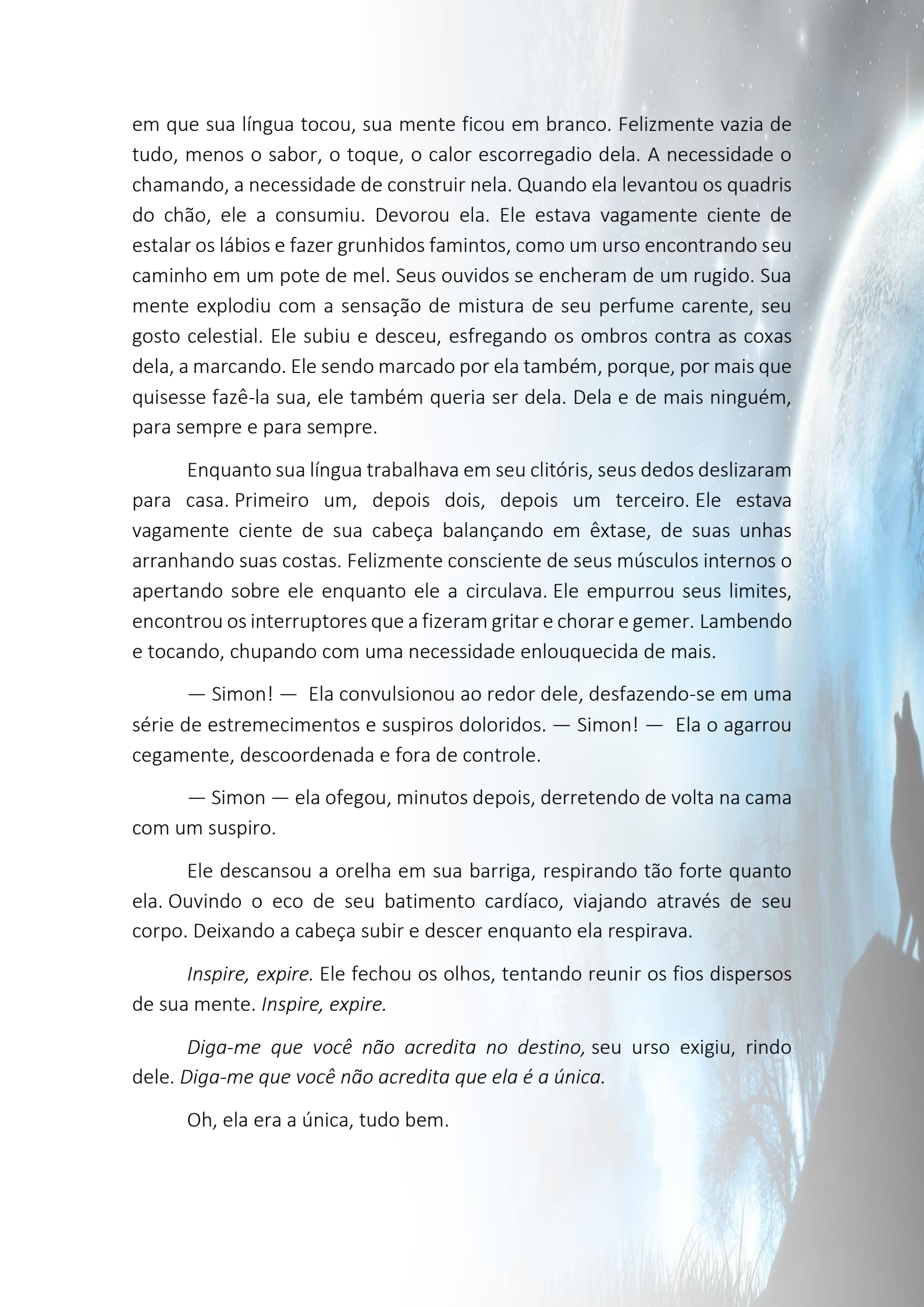
— Mais — ela gemeu. — Mais.

Com um dedo, ele traçou sua linha central. Abaixo, então voltando. Ele fez isso de novo, aprofundando-se enquanto deslizava para baixo e para trás. E novamente, espalhando-a com dois dedos e tocando com um terceiro. Ela gemeu e falou mais alto o tempo todo.

— Ah ... ah ... sim ...

Seus dedos se enfiaram através de seu cabelo e o puxaram para mais perto.

Ele prometeu a si mesmo que faria uma viagem lenta e gentil. Uma chance para ambos se tocarem, saborearem e explorarem. Mas no segundo



em que sua língua tocou, sua mente ficou em branco. Felizmente vazia de tudo, menos o sabor, o toque, o calor escorregadio dela. A necessidade o chamando, a necessidade de construir nela. Quando ela levantou os quadris do chão, ele a consumiu. Devorou ela. Ele estava vagamente ciente de estalar os lábios e fazer grunhidos famintos, como um urso encontrando seu caminho em um pote de mel. Seus ouvidos se encheram de um rugido. Sua mente explodiu com a sensação de mistura de seu perfume carente, seu gosto celestial. Ele subiu e desceu, esfregando os ombros contra as coxas dela, a marcando. Ele sendo marcado por ela também, porque, por mais que quisesse fazê-la sua, ele também queria ser dela. Dela e de mais ninguém, para sempre e para sempre.

Enquanto sua língua trabalhava em seu clitóris, seus dedos deslizaram para casa. Primeiro um, depois dois, depois um terceiro. Ele estava vagamente ciente de sua cabeça balançando em êxtase, de suas unhas arranhando suas costas. Felizmente consciente de seus músculos internos o apertando sobre ele enquanto ele a circulava. Ele empurrou seus limites, encontrou os interruptores que a fizeram gritar e chorar e gemer. Lambendo e tocando, chupando com uma necessidade enlouquecida de mais.

— Simon! — Ela convulsionou ao redor dele, desfazendo-se em uma série de estremecimentos e suspiros doloridos. — Simon! — Ela o agarrou cegamente, descoordenada e fora de controle.

— Simon — ela ofegou, minutos depois, derretendo de volta na cama com um suspiro.

Ele descansou a orelha em sua barriga, respirando tão forte quanto ela. Ouvindo o eco de seu batimento cardíaco, viajando através de seu corpo. Deixando a cabeça subir e descer enquanto ela respirava.

Inspire, expire. Ele fechou os olhos, tentando reunir os fios dispersos de sua mente. *Inspire, expire.*

Diga-me que você não acredita no destino, seu urso exigiu, rindo dele. *Diga-me que você não acredita que ela é a única.*

Oh, ela era a única, tudo bem.

Um segundo depois, seus olhos se abriram com o eco que ele ouviu em sua mente. Seus pensamentos, misturados com os dele.

Você é o único, ela disse. Você é o único.



Capítulo Seis

Jessica passou o próximo minuto acariciando seus ombros redondos e musculosos. Dizendo a si mesma que não era maluca ou idiota ou delirante.

Você é o único. Você é o único, seu lobo cantarolou para o seu urso.

Jesus, o lobo estava certo. Este urso era seu companheiro. Ele era o tal.

— Não, você é a única. — Ele murmurou, beijando sua barriga.

Não, ela queria corrigi-lo. *Você é o único*.

Eles poderiam ter continuado assim por horas, se não fosse por uma coisa.

Mais. Ela queria mais.

Ela nunca se abandonou tão descontroladamente para um homem antes. Nunca gritou seu prazer tão alto ou por tanto tempo. Mas ela já queria mais.

Ela puxou seus ombros, seus braços.

— Venha até mim, urso.

Ele se arrastou sobre o corpo dela em suas mãos e joelhos, ficando cara a cara com ela. Enjaulando-a, assim como ele fez antes.

— Faminta lobinha. — Ele riu.

Ela passou as mãos pelas costelas e olhou para a ereção dele.

— Ursinho faminto. — Ela disparou de volta.

— Ursinho? — Ele rosnou e abaixou seus quadris, deixando seu eixo duro e quente esfregar ao longo de sua barriga.

Sua risada ecoou pela caverna. Ecoou através de sua mente, também, como se ela já pudesse prever mil ocasiões felizes quando eles se amariam, ririam e brincariam. Que futuro maravilhoso que eles compartilhariam.

Ela apertou os olhos por um momento, sentindo algo escuro e triste misturado com a alegria, como uma pintura em uma galeria que tinha sido pendurada fora do lugar. O que o destino tem reservado para os dois?

— O quê? — Seu rosto nublou, vendo-a ir distante.

Ela tomou um profundo aroma de seu aroma de carvalho e baniu aqueles pensamentos sombrios. Este não era o lugar ou a hora de examinar o que o destino tinha reservado para ela e seu companheiro. Esta era a hora de conhece-lo. Para apreciá-lo. Para fazer seu corpo e alma cantarem o jeito que ele fez o dela vir completamente desfeita.

Ela correu seu tornozelo ao longo dele e empurrou seus ombros para trás, atraindo seu foco para seu corpo.

— Gosta do que vê, urso? — Ela brincou, esticando os braços sobre a cabeça.

Os olhos azuis brilharam. Seu pênis se contraiu. Sim, ele gostou do que viu, tudo bem.

Ela prendeu os dois tornozelos atrás dos dele. Chega dele pairando sobre ela de quatro. Ela o queria perto. *Realmente* perto. Dentro dela.

— Você está com pressa, loba? — Ele sorriu e inclinou a cabeça em direção a uma parede. — Eu acho que a tempestade vai permanecer o dia todo e a noite toda.

Ela trancou os dedos com os dele. — E eu sei exatamente como quero passar esse tempo.

Sua sobrancelha arqueou e todo o seu rosto se iluminou com um sorriso.

— E como exatamente seria isso?

— Não com você me provocando, com certeza.

Seu largo sorriso se esticou. — Não? Então como?

— Eu tenho que soletrar isso?

Ela passou as mãos sobre os ombros do tamanho de uma rocha, o abdômen de tanquinho, sobre a curva de seu traseiro. Então ela passou as mãos em volta da cintura dele, fez um círculo com o dedo e o polegar, e circulou seu pênis.

Ele fez um som estrangulado e gemido.

— O que foi isso? — Ela inclinou a cabeça. — Você disse que quer me provocar o dia todo?

Ela passou os dedos na parte inferior de sua ereção, em seguida, fez cócegas em suas bolas.

Ele balançou sua cabeça. — Talvez não o dia todo.

Ela apoiou a mão ao longo de todo o comprimento glorioso dele e bateu na ponta sedosa.

— Bem, isso é bom. Porque eu quero mais. Preciso de mais.

— Coisinha gananciosa. — Ele murmurou, ainda de quatro.

Vê-lo tão alto, balançando sobre borda. Tentando resistir.

— Eu sou gananciosa. Estou com fome do meu urso.

Suas pálpebras se estreitaram, e seus quadris circularam no tempo com o movimento da mão dela.

— Diga isso. — disse ele em um sussurro rouco. — Diga isso de novo.

Com uma mão, ela acariciou sua ereção. Com a outra mão, ela o levou até o seu núcleo.

— Com fome do meu urso.

Seus dedos arrastaram-se bêbados pelas dobras e ela quase suspirou.

— Com fome de você. — Ela continuou, pressionando a mão sobre a dele, empurrando-o mais fundo. — Sim. Dentro de mim. Meu urso.

Sua boca se abriu. Seu rosto ficou sério enquanto ele a acariciava ao ritmo de seus próprios movimentos. Mais devagar, mais rápido. Deixando-a definir o ritmo.

Então um rosnado cresceu em seu peito e ele mostrou os dentes. — Não deve provocar um urso, você sabia.

— Não? — Ela conseguiu fazer parecer casual. — O que pode acontecer?

Ele rangeu os dentes e empurrou de volta contra seu aperto firme. — Alguma coisa.

— Algo bom? Ou algo ruim? — Ela baixou a voz na última palavra, certificando-se de que soava doce e sensual.

Seus olhos brilharam. — Algo assim.

Um instante depois, ele reivindicou sua boca em um enorme beijo. Deixou cair seus quadris e arrastou seu pênis contra sua barriga, então abriu suas pernas mais largas com uma mão.

Oh, sim, seu lobo guinchou. Duro e rápido era apenas o estilo do lobo. Mais tarde, quando o fogo desceu junto com o pior da tempestade, eles poderiam fazer doce e lento. De quatro, com ela no topo, sessenta e nove, e de todas as maneiras que eles quisessem. Mas agora, ela queria isso. Direto, quente e duro.

— Sim ...— ela murmurou, já desesperada pela sensação dele por dentro.

Ele arrastou os braços sobre a cabeça, imobilizou as duas com uma mão e fixou os seus olhos com os dela. Ela olhou para ele com o seu melhor olhar de atrevimento, mas ele limpou o rosto dela um segundo depois com seu primeiro impulso duro.

Ela gemeu profundamente.

Ele puxou de volta, em seguida, voltou para dentro

— Sim ... Sim ...— ela disse a cada investida.

Uma gota de suor se acumulou em seu peito e caiu nela. Ela dobrou o queixo para assistir, em seguida, observou-o se movendo sobre ela, desaparecendo dentro dela. Dentro e fora, dentro e fora.

Esse era o seu companheiro, tocando-a. Necessitado. Rosnando para ela.

Ela olhou para cima novamente e encontrou seus olhos expressando tanto desejo quanto sua voz.

Ela enrolou as pernas em volta da cintura e gemeu quando o ângulo mudou. Ele se moveu com mais força, mais rápido. Alcançando mais fundo a cada vez. Mais profundamente ainda quando ela acertou o timing e se levantou para atender o próximo empurrão.

— Deus, sim ...

Ela se entregou como em seus sonhos mais acalorados, mas nunca na vida real, porque a vida real nunca foi tão boa assim. Tão exigente. Tão implacável. Tão avassalador. E não era apenas seu tamanho, força ou intensidade, também era sua fome por ele.

— Deus, Simon ...

Seu nome já era perfeito em seus lábios.

— Jess. — Ele rosnou de volta. Tão baixo, foi mais vibração do que som.

Ela respirou fundo, apertou os músculos ao redor de seu pênis e observou seus olhos se enrugarem.

— Sim ... — Agora ele estava raspando em voz alta também.

O fogo crepitou atrás dele, enviando um brilho alaranjado sobre sua pele brilhante. Eles tinham derrubado o cobertor há algum tempo atrás, então tudo que ela viu foi seu companheiro. Grande. Crescendo. Exigente. Um pouco intimidado também, como se estivesse tão impressionado com as sensações quanto ela. O emocional misturado com o físico, construindo para um alto sempre alto.

O vento assobiava do lado de fora os cobertores rangia sob suas costas. Faíscas saltaram do fogo e as duas começaram a bombear com mais força. Mais difícil, mas em tempo perfeito, como se eles estivessem fugindo e se encontrando nesta caverna por anos já.

Ele puxou a perna dela mais forte, levantando-a do chão. Agarrou ao seu lado e martelou dentro dela, empurrando-a mais e mais perto da felicidade. A caverna parecia mais brilhante, o ar mais denso, seu perfume impossivelmente atraente.

— Mais. — Ela gemeu, desesperada pelo alto que seu corpo estava perseguindo.

Simon desceu em um cotovelo, parecendo ferozmente possessivo. Parecendo como se nunca tivesse sido mais consumido com a necessidade de conseguir algo exatamente certo. Ele deslizou a mão ao longo de seu quadril e jogou o polegar sobre o clitóris.

E lá estava, o *mais que* ela procurava. Uma luz branca ofuscante, uma dor ardente. O deslizamento aquecido de seu pênis dentro dela. O tremor de seu corpo de aço contra o dela enquanto os dois voavam sobre a borda ao mesmo tempo.

Ela gemeu. Simon gemeu em voz rouca. As chamas na lareira acenderam. Então ele desmoronou sobre ela, ofegando, enquanto ela enrolava seus membros ao redor dele e o segurava com força. Quando ela se contorceu com um tremor, ele endureceu dentro dela, dando—lhe um último suspiro selvagem. E então ela ficou tão sem fôlego quanto ele, absolutamente oprimida.

Uma dúzia de imagens felizes surgiram em sua mente. Cem. Mil. Imagens dos dois, enrolados um no outro assim, não apenas no inverno, mas na primavera. No verão. No outono. Um ciclo interminável de estações, uma vida inteira delas. Eles podiam andar juntos na floresta, seu lobo e seu urso. Explorando os altos prados, agachando-se nas tempestades. Eles também podiam sair na cidade em forma humana e dançar. Eles se viam através de grossos e finos, para melhor ou para pior.

Ela começou a cobri-lo em longos beijos desleixados. Tudo de um lado do seu rosto e do outro, até que ambos estavam rindo.

— Esse é o meu lobo trabalhando. — Ela murmurou, beijando ele nos lábios.

— Me limpando? — Ele sorriu, tão solto e relaxado que ela pegou de relance do pequeno filhote que ele uma vez deve ter sido.

— Não. Marcando você como meu.

Seu sorriso mudou para um que era cem por cento, profundamente satisfeito, homem adulto.

— Mas, sim, eu posso te limpar, se você quiser. — Ela brincou, dando uma lambida no ouvido dele.

— Hei! — Ele protestou, pegando as mãos dela.

— Só brincando. — Ela alisou a mão por cima do ombro e arrancou uma folha de grama seca de seu cabelo.

Ele a puxou para o peito e a segurou por um longo e bom tempo.

— Ok ... — ela murmurou, mais para si do que para ele.

— Ok, o que? — Ele rolou e veio descansar ao seu lado, mantendo-a perto com um braço.

Ela segurou sua bochecha e acariciou seus lábios com o polegar, do jeito que ela fantasiava fazer antes.

— Estou pensando que podemos fazer essa coisa de lobo e urso funcionar, afinal.

Ele abriu um sorriso e puxou-a para mais perto. Os dois sabiam que não seria tão fácil quanto parecia, mas em um momento como este, como um deles poderia duvidar?

Ele ficou assustadoramente sério e segurou o rosto dela com as duas mãos. — Nós vamos. Eu prometo. Eu prometo que vamos.

Eles passaram dois dias na caverna, conversando, tocando e amando. Cochilando também e ouvindo a tempestade. Eles se levantavam de vez em quando para colocar outra tora no fogo ou lanchar em alguns dos suprimentos que ele tinha guardado em um alto recanto na caverna. Então eles voltavam correndo para o calor da cama e começavam tudo de novo.

Eles planejaram também. Planejado trazer lentamente sua matilha de lobos e seu clã de ursos para a ideia de um acasalamento misto.

— Uma aliança. Poderíamos vende-lo a eles como uma aliança. — disse ele, pensando em voz alta.

Ela assentiu. Ambos os clãs eram pequenos e isolados, e enquanto os shifters eram fortes, sempre havia perigos. Alguns Shifters forasteiros eram ladrões, procurando roubar energia. Uma aliança fazia sentido.

Mas quando ela pensou em todos os estereótipos e conceitos que dividiam suas famílias, ela se desesperou.

— Só temos que dar um passo de cada vez. — disse Simon.

— Pode levar anos. — Ela gemeu.

Ele sorriu de onde tinha caído sobre ela, e sua barba fez cócegas no seio dela. — Anos de reuniões como esta.

Ela sorriu. Tudo bem, isso tinha um certo apelo. Haveria uma emoção de fugir para ficar juntos. Eles poderiam se esconder aqui em sua caverna. Eles podiam acampar nos prados das montanhas ou se aquecer nas rochas junto ao riacho. Ambos eram jovens, talvez um pouco jovem demais para se acasalar. Talvez fosse melhor esperar.

— Vamos ganhar um ao outro. — disse ele, abraçando-a ferozmente. — Ganhar o nosso futuro, um passo de cada vez.

Ela rolou por cima dele e inclinou o queixo para cima em seu peito, encontrando seu olhar.

— Você acha que podemos fazer isso?

Ele passou as mãos pelos braços dela e balançou a cabeça com tanta determinação que ela não pôde deixar de acreditar.

— Eu sei que podemos. Eu sei que podemos. E enquanto isso ... — Sua voz baixou uma oitava e suas mãos deslizaram por seu traseiro.

— Enquanto isso? — ela perguntou, embora já tivesse percebido o que ele dizia. Ela se dividiu e deslizou ao longo de seu corpo.

— Enquanto isso, nos conhecemos melhor. — Ele sorriu.

— Certo. — Ela movimentou a cabeça, moendo seu corpo contra o dele. — Muito para aprender.

— Apenas espere, minha pequena loba. — Ele sorriu, ajudando-a a se alinhar. — Apenas espere.

